

REFLEXÕES

LITURGIA
ANGLICANA:
Evolução, Diversidade
e Espiritualidade

06

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
Centro de Estudos Anglicanos

Apresentação

O REFLEXÕES está chegando ao sexto número de uma série que se dedica a fornecer subsídios teológicos para a educação teológica em nossa Província.

Dedicamos esta edição ao tema da Liturgia, entendendo que ela é parte essencial da nossa identidade. As palestras aqui publicadas foram proferidas ou estudadas no Seminário sobre o LOC e Liturgias Alternativas, realizado na diocese de Pelotas, em outubro passado. São textos de autoria de D. Sumio (2), D. Orlando e do Rev. Francisco. Começa-se pela evolução histórica do LOC e sua relação com a História de nossa Igreja. Os textos que se seguem abordam os diferentes modelos de LOC dentro da Comunhão Anglicana e a estrutura da celebração litúrgica, conforme a nossa tradição. O texto final aborda os modelos de espiritualidade encontrados na forma anglicana de adorar a Deus, revelando que por trás dos textos, existe vida e dinâmica comunitária.

Muito se pergunta hoje em dia sobre a identidade anglicana. E se pode afirmar com segurança que uma delas é a forma de celebrar. Através do Livro de Oração Comum, mais uma “estrutura” do que um “manual de cerimônias”, o povo anglicano procura expressar a sua visão de Deus, do mundo e de si mesmo. Uma visão de equilíbrio, dividida entre a reverência à Palavra e aos Sacramentos, entre o clero e o povo, entre palavra e gestos, numa integração holística.

Esperamos que as dioceses e instituições façam o melhor proveito dessa edição, como parte do processo de aprofundamento de nossas lideranças.

Estamos abertos a sugestões e críticas que venham enriquecer o nosso trabalho.

Em Cristo Jesus Senhor Nosso,

Porto Alegre, 29 de abril de 1999

Festa de Santa Catarina de Sena

Rev. Francisco de Assis da Silva
Coordenador

EVOLUÇÃO DOS LIVROS DE ORAÇÃO COMUM

REV. FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

1. Liturgias Primitivas

Desde idos tempos temos referências da existência de textos litúrgicos. Os mais remotos são denominados pelos nomes de seus pretensos autores. Por exemplo: *Liturgia de São Tiago, de São Marcos, de São Cirilo de Jerusalém, de São Clemente, de São Crisóstomo*, etc. O ponto comum dessas liturgias são o Sanctus, a Anáfora (elevai os corações...) e as palavras de instituição da Eucaristia. Num processo evolutivo, elas vão incorporando a liturgia da Palavra, a instrução, as intercessões, a comunhão e a bênção. Desde o século II, as liturgias foram divididas em duas grandes “famílias”: a latina e a oriental, com pontos comuns, mas também com algumas ênfases diferentes.

Na Inglaterra, a mais primitiva das liturgias foi a Celta¹. Ela continha quase que todos os elementos das liturgias de hoje. A chegada de *Agostinho* (596) trouxe para o centro da discussão o modelo litúrgico a ser adotado. Após sábia recomendação de *Gregório Magno*, *Agostinho* estabeleceu uma compilação litúrgica que contemplava as diversas contribuições locais. As disputas, no entanto, continuaram entre o cristianismo celta/anglo-saxão e o romano, mesmo com a submissão à Roma em 669. Mesmo depois dessa decisão, muitas dioceses mantiveram liturgias localizadas (York, Lincoln, Hereford,...). Dentre elas, o grande destaque em termos de formulação litúrgica da Inglaterra no período medieval foi a **Liturgia de Sarum**. Atribuída a *Osmund*, bispo de Salisbury, 1085, essa liturgia se compunha de :

- Breviário - contendo os ofícios diários.
- Missal - Santa Eucaristia, com as coletas, Epístolas e Evangelhos.
- Manual - Rito Batismal e outros ofícios ocasionais.
- Pontifical - Ritos de competência episcopal tais como Ordenações e Confirmações.

2. Livro de Oração Comum Inglês

Livro de 1549

Thomas Cranmer (1489-1556) Homem de transição entre a profunda consciência sacramental (que o vincula ao pensamento medieval) e profunda abertura

¹ A liturgia celta é profundamente identificada com a natureza e suas principais ênfases são a meditação e o uso de símbolos naturalistas. Hoje, está havendo uma redescoberta da espiritualidade celta.

para o movimento reformado, foi o artifice do LOC inglês. Sua composição básica era:

Ofícios Matutino e Vespertino - Uma simplificação dos ofícios das horas, usados desde a tradição monástica, durante o período medieval. As principais funções dos ofícios são a leitura sistemática da Escritura, as meditações nos Salmos e as intercessões.

Eucaristia - Incluía a Oração Dominical, as Coletas, Liturgia da Palavra, Credo, Sermão, Ofertório, Confissão, Oração Eucarística, Comunhão e Bênção. Manteve a estrutura da celebração latina, purificando-a dos excessos próprios dos ritos medievais e colocando-a na língua inglesa.

Confirmação - Manteve a linha catequética com a confirmação dos votos batismais. Ênfase na prerrogativa episcopal.

Matrimônio - ênfase na publicidade da Cerimônia.

Unção de enfermos - Avançou em relação ao Rito de Sarum, com ênfase no restabelecimento e não na preparação para a morte. Comunhão com Sacramento reservado.

Ofício de Sepultura - Provisão de leituras, coletas e orações pelos que partiram na fé, inclusive com prescrição facultativa de eucaristia.

Como se vê, o Ordinal não fazia parte do 1º Livro de Oração, sendo publicado em 1550.

Livro de 1552

Livro de 1549, a despeito de seu erudito conteúdo, não agradou nem aos conservadores que desejavam a manutenção dos “pesados” ritos medievais, nem aos reformadores que desejavam aproximá-lo da tradição genebrina. A reforma de 1552 foi uma vitória dos reformadores. Introduziu-se um rito penitencial nos ofícios diários. A Oração Eucarística foi abreviada, com a supressão da epiclesis². A ministração da Eucaristia aproximou-se muito da posição reformada, especialmente a zwingliana, com ênfase na recepção dos elementos, incluindo-se a Oração de Humilde Acesso. A ministração do Sacramento reservado foi abolida do rito de visitação aos enfermos. As orações pelos que partiram foram abolidas e a provisão para comunhão no rito de sepultura foi retirada. As referencias sobre velas e vestes foram deletadas. O uso da palavra “altar” foi abolido. O Ordinal foi introduzido no Livro, mas sem referencia à entrega de símbolos nas ordenações, exceto a Bíblia.

² Oração de invocação do Espírito Santo sobre os elementos eucarísticos. Considerado o momento da consagração, prerrogativa de bispos e presbíteros.

Este Livro teve menos de um ano de vigência. *Maria, a católica*, ascendeu ao trono em lugar de *Eduardo VI* e aboliu o Livro de Oração Comum, restaurando a Comunhão plena com Roma.

Edição de 1559 - Com a subida ao trono, *Isabel I* restaurou o Livro de Oração Comum de 1552, com algumas revisões, entre as quais, a restauração das vestes, as palavras de ministração da comunhão e um novo Calendário.

Edição de 1604 - A subida de novo rei ao trono inglês, *James I*, motivou uma petição dos puritanos pela abolição de algumas rubricas e cerimoniais. Após dias de reunião entre o partido puritano e representantes da Igreja estabelecida, chegou-se a um acordo pelo qual se retirava do LOC as lições dos livros deutero-canônicos³; adicionou-se ao nome Absolvição, a expressão “da pronúncia da remissão de pecados”; o sinal da cruz no batismo foi mantido, mas com a ressalva de que era um sinal “não efetivo”; aumentou-se o Catecismo; definiu-se a edição de uma nova versão da Bíblia, que veio a ser a famosa King James; e, manteve-se a troca de alianças no matrimônio.

Livro Escocês de 1637 - Sob a influência do Arcebispo William Laud⁴, a Igreja escocesa adotou um novo LOC, cujas ênfases mais evidentes foram rubricas mais explícitas, o uso da epiclesis, as ações de graças pelos santos na oração pela Igreja e o uso de um calendário próprio de santos escoceses.

Livro de 1662

Entre 1643-1660, a Inglaterra viveu sob a ditadura de *Oliver Cromwell*. Nela, aboliu-se a monarquia e o episcopado na Igreja. Com isso, a liturgia foi marcada pelos padrões impostos pelos puritanos. Com a Restauração, reintroduziu-se o LOC com algumas modificações: foram introduzidas algumas Orações ocasionais, a benção da água no rito batismal foi implantada, o partir do pão na Eucaristia foi introduzido, restaurou-se a epiclesis, a absolvição nos Ofícios Diários foi reservada ao presbítero, o termo Congregação foi substituído por Igreja e acrescentou-se a comemoração dos fiéis que partiram (na oração pela Igreja na Eucaristia). Introduziu-se pela primeira vez no LOC os *Artigos de Religião*⁵.

³ São os sete livros que não se encontram no cânon protestante, que comumente os define com apócrifos. Mais tarde, nos Artigos de Religião, a Igreja os reconhece como válidos para edificação, mas não exigíveis na fundamentação doutrinária.

⁴ Arcebispo de Cantuária entre 1633 e 1641. Responsável por uma política de uniformização litúrgica no Reino Unido, combateu veementemente os puritanos, sendo preso e executado durante a ditadura de Cromwell, em 1645, acusado de ser papista.

⁵ Conjunto de princípios doutrinários aceitos pela Igreja da Inglaterra como forma de resolver consensualmente as controvérsias doutrinárias do séc. XVI. Hoje, com exceção da Igreja inglesa, são respeitados como documento histórico, sendo substituídos pelo Quadrilátero Chicago-Lambeth de 1888.

3. Os Livros de Oração Comum nos Estados Unidos

Livro de 1789

Com a Independência, a Igreja nos Estados Unidos procedeu a revisão do LOC. Excluiu-se a Oração pelo Rei. Introduziu uma liturgia mais apropriada para o culto familiar, em adição aos ofícios diários. Adicionou-se um ofício para o Dia de Ações de Graça e um rito de visita aos prisioneiros. Continha os Artigos de Religião e introduziu-se formas litúrgicas para consagração de igrejas e instituição de ministérios nas comunidades eclesiais. Há uma nítida influência da liturgia escocesa no primeiro LOC americano, aliás reforçada afetivamente pelo fato de o primeiro bispo sagrado pela Igreja nos Estados Unidos o foi através de bispos escoceses⁶.

Livro de 1928

No rito batismal ampliou-se a ênfase na ressurreição, estabeleceu-se leitura alternativa do Evangelho e bênção alternativa foi acrescentada. No rito matrimonial, estabeleceu-se a paridade de votos entre o homem e a mulher, acrescentou-se a bênção das alianças e a oração pela descendência do casal. No rito de visitação a enfermos, colocou-se a opção de uso de unção com óleo. Dois ofícios de Instrução suplantaram o Catecismo. Este, por sua vez, junto com os Artigos de Religião, foram publicados como apêndices.

Livro de 1979

A preocupação com a adequação da linguagem litúrgica aos novos tempos inspirou a revisão do LOC americano. É um livro que contempla uma flexibilidade nas rubricas, com a preocupação de responder às necessidades pastorais contemporâneas. Preocupações sociais contemporâneas emergem através de litânias e orações. Durante o trabalho de revisão, buscou-se contemplar uma perspectiva ecumênica. O trabalho de revisão durou 15 anos!

4. LOC no Brasil

Quando a Igreja foi implantada no Brasil, em 1890, havia apenas a tradução do LOC americano, feita por *Richard Holden*. Usou-se, no começo um livrete com os ofícios diários, Litania e porções dos Salmos. Em 1893, através do trabalho de dois pioneiros, *Rev. Brown e Rev. Cabral* realizou-se uma tradução

⁶ Trata-se de Samuel Seabury, sagrado em Aberden, em 1784, por três bispos escoceses, em virtude de sua impossibilidade de prestar obediência à monarquia inglesa.

⁷ Missionário americano que tentou implantar a Igreja Episcopal no Brasil a princípio em Belém (1859) e, em seguida, em Salvador. Ambas as tentativas foram frustradas por perseguições. Após uma curta estadia no Rio de Janeiro, viajou a Portugal, onde veio a falecer.

mais completa do LOC americano, impressa nos Estados Unidos. O primeiro livro completo brasileiro surgiu em 1930, contendo todos os ofícios e criando pela primeira vez um padrão litúrgico para toda a Igreja. Para essa obra contribuiu muito o esforço do Bispo *Thomaz*, homem muito preocupado com uma padronização litúrgica na Igreja Brasileira.

Em 1984, foi aprovada a nova versão do LOC brasileiro. Nele, que tem por base a estrutura do LOC americano, aflora a contribuição de uma Igreja autóctone, que busca o “equilíbrio entre a herança anglicana e as necessidades do momento”. Os ofícios diários foram sintetizados em uma única estrutura. O rito batismal foi construído de uma maneira originalmente autóctone, distanciando-se da simples tradução americana. O Lecionário insere-se na tradição hoje consagrada dentro da Comunhão Anglicana, composto de dois anos (para ofícios diários) e três anos (ofícios eucarísticos dominicais).

A Eucaristia pode ser celebrada em dois ritos e em quatro alternativas. Claro que muitos dos ofícios contidos no primeiro livro, bem como o ordinal, não foram incluídos, como bem se auto define o livro: forma abreviada. O nosso atual LOC contém apenas os ritos mais comuns do cotidiano das comunidades. Os documentos históricos, como os Trinta e nove artigos de Religião também não foram incluídos. A atual Comissão de Liturgia está encaminhando um conjunto de Ritos Ocasionalmente para experiência nas dioceses. A edição desses ritos será possível tão logo tenhamos a aprovação da experiência e a chancela sinodal.

5. Reformas Litúrgicas na Comunhão Anglicana

Toda a Comunhão Anglicana, sem prejuízo da “maneira” e da “estrutura” herdadas desde o século XVI, tem realizado reformas em seus Livros de Oração. Os princípios que norteiam tais reformas são:

- *Fidelidade às Escrituras* - são elas o ponto de partida do nosso testemunho de adoração e que nos vinculam com a História do povo de Deus. Basta observar que 2/3 dos textos dos LOCs são paráfrases ou reproduções de textos bíblicos. A valorização do Lecionário e o resgate das leituras diárias são uma demonstração clara de que a espiritualidade anglicana tem mantido seu vínculo com o testemunho bíblico, independentemente da escola hermenêutica usada.
- *Flexibilidade pastoral* - Os novos tempos exigem respostas pastorais mais eficazes. Por isso, as reformas nos LOCs procuram contemplar ritualmente e cerimonialmente situações concretas da vida moderna.
- *Inculturação* - Cada vez mais elementos da cultura local são assumidos pelas Províncias, através de um diálogo honesto e aberto, sempre buscando um testemunho litúrgico que respeite o jeito de viver a fé do povo. Cada vez mais a liturgia está deixando de ser “inglesa” para ser mais “anglicana”.

• *Inclusividade e Ecumenicidade* - As tradições católica e protestante da Igreja tem sido desafiadas reciprocamente a conviverem respeitadamente, sem “hegemonias”, nem “uniformidades”, mas na busca de uma ‘fertilização’ mútua. A partilha ecumênica tem permitido o enriquecimento da liturgia pelos estilos “místico”, “ativista libertador”, “feminista”, “negro”, entre outros. O diálogo inter-fés permite hoje monjas anglicanas aprenderem técnicas de meditação do Tibete, ou liturgistas anglicanos aprenderem as orações diárias do judaísmo, entre outras experiências.

A título de exemplo, a partir da década de 80, a Comunhão se enriqueceu com a multiplicação de reformas e edições de liturgias alternativas, realizadas em Províncias como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, África do Sul, Portugal, incluindo a nossa própria.

Referencias Bibliográficas

Hatchett, Marion - Commentary on the American Prayer Book - Seabury Press - 1981

Horton, Davies - Worship and Theology in England Vol. I e II - Princenton University Press - 1975

Cross, F. L. - The Oxford Dictionary of the Christian Church - Oxford Press - 1958

Stafford, William - Anglican Spirituality - artigo publicado no Anglican World (Advento de 1995)

Shepherd, Massey H. - Adoração e Vida - Editora Metrópole - 1957

Maraschin, Jaci C. - A Beleza da Santidade: ensaios de liturgia - ASTE - 1996

Idem

Sikes, Stephen and Booty, John - The Study of Anglicanism - SPCK/ Fortress Press - 1993

VV. Autores - The Study of Liturgy - Oxford University Press - 1992

Takatsu, Sumio - Coletânea de textos

Oliveira, Orlando - Coletânea de textos

LITURGIA ANGLICANA

Sua diversidade, padrão e preocupações

Este trabalho é uma tentativa de fazer um pequeno levantamento de Livros de Oração Comum atuais e perguntar se existe uma liturgia caracteristicamente anglicana?

Primeiro, os livros disponíveis ao presente levantamento são da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, da Igreja Episcopal nos Estados Unidos, da Igreja da Inglaterra, da Igreja da Irlanda, da Igreja Episcopal na Escócia, da Nova Zelândia, da África do Sul. Além destes, há um levantamento feito por Colin Buchanan há uns dez anos. É verdade que o levantamento é limitado, mas é possível dizer alguma coisa sobre a liturgia anglicana em termos de seu padrão.

Segundo, o que se vai dizer aqui é a liturgia oficial dessas Igrejas e não liturgias “experimentais” que, porventura, acontecem nesta ou naquela paróquia .

As revisões de liturgia que ocorreram neste século foram inspiradas nos experimentos de renovação litúrgica relacionados com a renovação bíblica do século passado de âmbito ecumênico. Em nível mais doméstico do anglicanismo tiveram um papel preponderante as experiências nos campos missionários na Índia e na África . Também, ocorreram os experimentos litúrgicos antes de 1928 nos Estados Unidos, na Escócia, no Canadá e na Inglaterra. Foi decisiva a publicação da Estrutura da Liturgia (Shape of Liturgy) da autoria de G.Dix, em 1945. Por outro lado, não se pode ignorar a Conferência de Lambeth de 1958, que acelerou as revisões dos Livros de Oração Comum. Encontra-se no Relatório da 2ª Reunião do Conselho Consultivo Anglicano a reprodução das resoluções e diretrizes para as eventuais revisões dos Livros. Na verdade, o relatório e as resoluções de 58 têm suas raízes na Conferência de 20. Isso não pode ser esquecido. A resolução 36 de 1920 diz:

Embora se mantenha a autoridade do Livro de Oração Comum como padrão anglicano de doutrina e prática, consideramos que a uniformidade litúrgica não deve ser considerada como necessária nas Igrejas da Comunhão Anglicana. As condições da Igreja em muitas partes do campo missionário tornam inaplicável a preservação do Livro como um modelo fixo de liturgia.

Uma outra resolução (37) diz:

Embora o direito inerente de um bispo diocesano de expor e sancionar formas litúrgicas esteja sujeito à limitação que possa ser imposta pela autoridade superior do sínodo, é desejável que tal autoridade não seja rigidamente exercida enquanto se preservem as feições essenciais à salvaguarda da unidade da Comunhão Anglicana. (Lambeth 28, p.36)

Estas resoluções vieram do relatório da Comissão sobre os Problemas Missionários. Eis alguns trechos:

As Conferências de Lambeth de 1867, 1888, 1897 e 1908 reconheceram a necessidade de adaptar e enriquecer os Ofícios do Livro de Oração Comum e Administração de Sacramentos e Outros Ritos e Cerimônias da Igreja, de acordo com o uso da Igreja da Inglaterra, a fim de ir ao encontro das necessidades e condições das raças e países do além-mar. Porém, com o desenvolvimento da consciência das Igrejas nacionais (indígenas como se dizia na época. N.do tradutor), há uma exigência bem difundida nos campos missionários para não só proceder a adaptação e enriquecimento dos Livros existentes, mas também para criar formas e Ofícios construídos de outra maneira.

O princípio da uniformidade exposta no Prefácio do Livro inglês (o qual não foi elaborado à luz das condições hoje existentes nos campos missionários) não é aplicável às dioceses e Províncias no campo missionário, nem em si mesmo necessário como o laço de união entre as Igrejas com as quais temos a unidade de fé.

O relatório continua tecendo comentário sobre a importância de se levar em consideração na elaboração de novas formas de liturgia aqueles elementos que preservem a unidade entre as Igrejas da Comunhão Anglicana e conclui com a recomendação das duas resoluções acima, apresentando certo critério para o pleno exercício da liberdade do bispo diocesano.

- (1) Manter o equilíbrio bíblico e católico da verdade.
- (2) Dar devida consideração aos precedentes da Igreja Primitiva.
- (3) Observar tais limites que possam ser impostos pela autoridade superior do Sínodo,
- (4) Lembrar-se com amor fraterno da consideração do possível efeito de sua ação sobre outras Províncias e ramos da Comunhão Anglicana.

Vemos, assim, a importância de a liturgia se “encarnar” ou contextualizar-se numa cultura, de um lado, e, de outro, a manutenção da Comunhão Anglicana. Também, o *jus liturgicum*, o direito litúrgico do bispo diocesano é apoiado e, ao mesmo tempo, dá-se ao Sínodo função de equilibrar o eventual exercício arbitrário do direito de um bispo diocesano.

Antes de procedermos a comparação entre alguns Livros, adotemos uma definição razoável da liturgia. A liturgia é a ação conjunta do povo de Deus. A ação conjunta é ação pública da Igreja. De fato, a Liturgia vem da junção de dois termos: *laós* e *érgon*, isto é, povo e trabalho ou ação. Dai poder-se dizer que a Liturgia é a Igreja reunida em ação. Na Igreja Primitiva, dizia-se que o povo ia a *synaxis*, isto é, à reunião, à assembléia. Neste ponto, é bom sabermos que a Igreja Anglicana do Canadá denominou como subtítulo “Reunião da Comunidade” a Liturgia do Batismo, da Eucaristia e do Santo Matrimônio. Em poucas palavras, a reunião da Igreja

ou a Igreja reunida já é parte essencial da Liturgia. Não existe praticamente a liturgia sem a Igreja reunida.

A ação se refere à celebração dos atos de Deus Triuno para a salvação da humanidade realizados e revelados em Jesus Cristo. Falando de outra maneira, trata-se de celebração do memorial (*anamnesis*) da ação decisiva de Deus em Jesus Cristo e antecipação, antegozo da manifestação plena do reinado de Deus (*prolepsis*). A Liturgia tem, em outras palavras, muito a ver com o nascimento, a identidade e missão do povo de Deus e sua esperança. Um outro termo preferido pelos anglicanos no mundo todo é adoração. A Igreja se reúne para a adoração. O ato central da adoração da Igreja é a Eucaristia conforme as Normas do LOC, (p.11).

A Eucaristia como ato central não elimina outras formas de celebração. A celebração dos atos de Deus para a salvação, do memorial e antecipação se realiza em diversas ocasiões. Por exemplo, na recepção de novos membros da Igreja pelo Santo Batismo, na Ratificação dos votos Batismais com a imposição das mãos, isto é, a Confirmação, no Casamento, no Sepultamento, na Admissão das pessoas ao Ministério Ordenado s(Ordinal). Também, a Igreja celebra os atos de Deus sem os Sacramentos. Temos para esse fim as Orações diárias, e a Lítania.

COMPARAÇÃO DE LIVROS DE ORAÇÃO COMUM

Começemos com o Livro mais antigo após a Conferência de Lambeth 58. O Livro americano foi publicado em 1978 como o Livro proposto e apresentado à Conferência de Lambeth de 78 e oficializado em 79.

Primeiro, o livro é estruturado de modo que se aproxime à Liturgia central da Igreja aos domingos e nas Festas principais. As Orações Matutina e Vespertina e Eucaristia são considerados ofícios regulares da Igreja. Pressupõe-se que, diariamente, se celebre a Oração Matutina e Vespertina. Assim até chegar à Eucaristia há primeiro bloco feito de introdução e calendário. Isto é comum a todos os livros da Comunhão Anglicana. Por que calendário? A celebração da Igreja se processa no tempo e a organização do ano segue a uma visão teológica. Em seguida vem o segundo bloco feito de OM, OV, Oração do Meio Dia, Completas, Devoções individuais e pessoais. A localização deste segundo bloco é comum, praticamente, a todos, variando quanto aos itens orações para várias ocasiões, etc. Em alguns livros só constam as Orações da Manhã e da Tarde.

O terceiro bloco consiste de Lítania para ser usado na OM ou OV ou na Eucaristia. Trata-se da forma de oração participante. Historicamente, os puritanos se mostraram contrários à Lítania e gostaram mais de uma oração feita por um indivíduo. Pode-se dizer que, em todos os livros, há Lítania, diferindo-se quanto à sua localização.

O quarto bloco é composto de Coletas. O que se distingue aqui é o quinto bloco dito de Liturgias Próprias para Dias Especiais. O seu conteúdo e sua localização antes do Batismo é bastante significativo. Quanto ao seu conteúdo, esse bloco inicia com a Liturgia da Quarta-feira de Cinzas. Trata-se do início do Ciclo Pascal. Só que essa celebração inicia a preparação em função da Páscoa. A Quaresma faz parte do Ciclo Pascal, tendo sua função preparatória. A segunda liturgia é a do Domingo da Paixão (Ramos). O Domingo da Paixão começa a semana de Oito Dias, culminando no Domingo da Ressurreição. A terceira liturgia é a da Quinta-feira Santa, o início do tríduo, que compreende a festa da Instituição da Ceia do Senhor, a crucificação e ressurreição. Em seguida vem a Liturgia da Sexta-feira da Paixão, do Sábado Santo e a Grande Vigília Pascal. Consta de uma série de leituras do Antigo Testamento e dos Salmos culminando no Batismo se houver, e se não houver, a renovação dos votos Batismais.

O próximo bloco é o batismo. Assim, na dimensão temporal, começando com a Quaresma caminha na direção do Batismo, fazendo a síntese desse preparo na Semana Santa e identificando-se, sacramentalmente, com a morte e ressurreição de Cristo no batismo, o início da Igreja. E o Batismo é assim localizado e estruturado como a porta para Eucaristia.

Esta seqüência não é seguida por todos os Livros. Porém é comum a todos a localização das Orações Diárias no início do Livro. Os livros do Canadá e da Nova Zelândia colocaram o Batismo antes da Eucaristia. Porém o destaque das Liturgias especiais antes do Batismo não é compartilhados por outros livros. 'Diga-se de passagem que o Livro Canadense (alternativo) colocou a Vigília Pascal antes do Batismo.

Também, pode-se dizer que os livros das Igrejas da Comunhão Anglicana contém a Liturgia da Confirmação, do Casamento, do Sepultamento, da visitação aos Enfermos, Saltério e Ordinal. Uns têm catecismo e outros não.

Então, aqui se pode dizer que uma das características da Liturgia anglicana contemporânea é a diversidade e não depende mais do Livro inglês de 1662. Na verdade, já naqueles dias havia o livro escocês com padrão antioqueno em sua oração eucarística.

A UNIDADE DOS LIVROS DE ORAÇÃO COMUM: PADRÃO DE LITURGIA

Com a afirmação da diversidade surge uma questão: há algo de comum nas liturgias anglicanas reconhecível como anglicano? Existe um padrão de liturgia aceito pelos anglicanos. Esse padrão se encontra nas diretrizes de Lambeth 58. Nesse sentido, praticamente, todos os livros contem as mesmas liturgias ou ofícios divinos.

Assim, um eventual viajante anglicano num determinado país participa da OM ou OV e sabe do que se trata. Os títulos dessa seção dos Livros são Ofícios Diários ou Ofícios Divinos ou Liturgias da Palavra (N.Zelândia) e OM e OV (no nosso LOC). São variações dentro da terminologia tradicional. E isto nos serve para se saber que uma coisa pode ser denominada por mais do que uma palavra.

Todos os livros têm praticamente as mesmas seqüências essenciais. Elas correspondem ao fenômeno da assembléia, reunião e corresponde ao seu propósito. A Oração começa com a reunião. O oficiante entra representando a caminhada, a peregrinação do povo de Deus. Há cerimônia ou gestos para sinalizar essa entrada, levantando-se todos. Todas as assembléias humanas apresentam gestos semelhantes. Nós damos o sentido bíblico e cristão da caminhada do povo de Deus. Em torno disso, é possível ter expressões diversas da invocação de Deus Triuno e de sua vinda à assembléia. Em seguida, hinos ou cânticos ou sem hinos, vêm as Sentenças Introdutórias próprias para as Quadras eclesiais. Sua finalidade é projetar o tom, modo ou tema da assembléia. O advento, a Páscoa, etc. têm sua tonalidade. Para os anglicanos, em geral, a Igreja, a congregação é convocada, chamada para louvar a Deus, ouvir Sua palavra, reafirmar a sua fé e fazer a súplica. Essa reunião apresenta tonalidades próprias do Natal/Epifania, Páscoa/Pentecostes, por exemplo. Essa tonalidade é expressa por meio de cores e ornamentos. Se não houver nenhuma flor e as cores forem violetas, já se sabe que estamos na Quaresma.

Dentro desse esquema, a penitência é opcional. No caso da opção pela penitência, o oficiante leigo, em nosso caso, fará uma oração em lugar de absolvição. Noutros livros, o oficiante leigo substituirá *tenha misericórdia de vós e vos perdoe* por *tenha misericórdia de nós, e nos perdoe*. Essa diferença entre *vós e nós* deve ao fato de, no anglicanismo, reservar a Absolvição aos que presidem à diocese e dentro da mesma às comunidades, isto é, aos bispos e presbíteros.

Todos os livros consultados mostram o padrão acima indicado. Há, sem dúvida, variações no que diz respeito ao conteúdo. Por exemplo, o Livro da N. Zelândia substitui o Venite por Magna et mirabilia (ver LOC p.48) acrescentando-lhe Ap 5.13. Além disso, há orações diárias bem sucintas para 2ª-feira, para 3ª-feira assim por diante.

O propósito das OM e OV é louvar a Deus, ouvir a sua Palavra, e fazer orações seguindo a um determinado padrão. Por isso, quem desejar participar da Mesa, não a encontrará. Por isso, esses Ofícios são denominados de Liturgias da Palavra. E, para quem a Liturgia é a da Santa Comunhão, são para-liturgias.

Esses Ofícios diários foram compostos no período de Thomas Cranmer a partir dos Ofícios das Horas e, também, de Ofícios elaborados no continente europeu pelos reformadores. Esses Ofícios, por sua vez, eram lidos nas ordens monásticas. Mas também não se pode ignorar a matriz judaica das orações cristãs.

Quanto à relação da liturgia da Igreja e a liturgia da Sinagoga, sabe-se que ela existe. Os evangelhos nos dizem que Jesus participava da reunião da sinagoga “conforme o seu costume,” (Lc 4.16). O Livro dos Atos nos falam que, após a Ascensão, os discípulos se reuniam e eram assíduos em oração, (At 1.14). Também, vemos os apóstolos no Templo para a oração das três horas (3.1) Sabemos, também, que Paulo costumava ir às sinagogas. Por outro lado, temos o conhecimento de que, no período do Novo Testamento, a Igreja começou a observar o primeiro dia da semana e não o sábado. O mesmo se pode perceber no Didaque, cujo manuscrito foi descoberto em 1873 e escrito no período do Novo Testamento na Síria ou Egito. Hoje se pode dizer com maior segurança que a matriz da Oração eucarística está no judaísmo, mais precisamente, na Ação de graças após a refeição, (Birkat-hamazon). Consta, também, que há certo paralelo entre a Oração Dominical e a Oração de Santificação (kaddish) ou que as frases da OD se encontra em orações judaicas. Assim as frases, o modo como se desenvolve a oração e suas finalidades eram familiares aos discípulos antes de pedir a Jesus que lhes ensinasse a orar. A qualidade inesquecível da OD está não na originalidade, mas na concisão.⁸

FINALIDADE DAS ORAÇÕES DIÁRIAS

As Orações diárias incorporam em si os elementos judaicos via Novo Testamento, as experiências do período dos Pais da Igreja e, também, do movimento monástico. No tempo de Thomas Cranmer foram elas projetadas para a leitura diária das Escrituras do Antigo Testamento, do Novo Testamento e do Saltério. Tiveram um propósito formador da Igreja e, principalmente, da liderança da Igreja na piedade bíblica. A ênfase está nas leituras meditativas com poucos elementos de louvor, de ação de graças e intercessões que mais caracterizariam a reunião da Igreja. E, neste ponto, surgem problemas relacionados com a expressão da Igreja como a comunidade do Espírito Santo, a comunidade que se reúne em torno da oração de Cristo, mesmo para finalidades para-litúrgicas. Neste ponto, é instrutivo o Prefácio das Orações diárias no Livro de Oração Comum sul-africano. Elas servem para as reuniões da Igreja, aos domingos, onde não há eucaristia e para os indivíduos no sentido de ordenar suas devoções e participar da oração de toda a Igreja e da oração de Cristo. Em outras palavras, elas servem para a oração pública da Igreja, mas são fracas, no sentido de salientar, enfocar a ação do Deus Triuno, o Evangelho como a base do louvor, ação de graças e intercessão da Igreja como uma comunidade. A função principal delas é levar os indivíduos a “ouvir, ler, ponderar, aprender e assimilar interiormente” as Escrituras, e nelas meditar, conforme a Coleta de Cranmer. Por isso, as Orações diárias servem mais para estudos da Bíblia. No tempo de Cranmer foi uma necessidade da Igreja divulgar a Bíblia e levar o povo a ler as Escrituras. Por isso, não foi projetado muito uso de cânticos e antifonas entre as leituras. Pois a

⁸ SIMPSON, William W. *Jewish Prayer and Worship: An Introduction for Christians*, SCM Press 1965.

finalidade é a leitura, a meditação e a aprendizagem da palavra. Por isso, são ofícios mais “cerebrinos”.

Essa espiritualidade das Orações diárias tem sua história, conforme Paul F. Bradshaw, especialista em Ofícios Diários. Ele classifica as orações que se desenvolveram em quatro padrões. (1) Padrão do Terceiro Século. Tertuliano e Cipriano são fontes. Eles mantinham as orações refletidas no Novo Testamento, especialmente, nos escritos paulinos, de origem judaica, consistindo, em última instância, de louvor e ações de graças culminando em petição e intercessões. Mesmo as orações em casa eram consideradas partes da Igreja como um todo. Conforme Cipriano, a “nossa oração é pública e comum e quando oramos, oramos por toda a Igreja, por todo o povo que é um só. E os cristãos entenderam que as orações eram oferendas de louvor e ação de graças a Deus. Com a oração a Igreja se manifesta como a comunidade sacerdotal. Eram poucas as recitação dos Salmo, e eram os Salmos de Aleluia. Também as leituras eram poucas, porque faziam as leituras aos domingos e nos estudos. Havia classe de catecismo.

(2) Ofício da catedral no século IV. Com a oficialização do Cristianismo a congregação cresceu de repente. Houve institucionalização organizacional da Igreja para se acomodar à nova situação. Em contraste com o século anterior onde cada indivíduo tinha parte na oração de toda a Igreja, surgiu agora uma classe de liderança mais organizada, hierarquizada com funções definidas. É claro que a frequência aumentou, mas diminuiu a participação de cada um como antes. Semelhante fenômeno experimentamos em nosso tempo. Se nós desejamos dar peso aos leitores, intercessores, etc., os que não são perdem a oportunidade e os “instituídos” não quererão abrir mão de suas funções, digamos. E a prática diz que quanto mais a pessoa é dedicada, mais “chance” de se apegar à função a que se dedica. É uma espada de dois gumes.

No período em apreço os cânticos entoados nas reuniões informais pelos seus autores ou pelos indivíduos mais espontaneamente vieram a ser entoados pelos cantores e os Salmos são mais cantados. Mesmo com essas mudanças, o conceito da oração continua a ser a oferenda de louvor e ação de graças mediante o Grande Intercessor no poder do Espírito Santo.

(3) O culto dos monges do deserto. As orações diárias três ou mais vezes por dia tinham sempre sua inspiração nas palavras paulinas: *orai sem cessar*. Porém houve quem não ficasse satisfeito com três vezes ao dia e levasse ao pé da letra as palavras apostólicas. Esses eram os monges do deserto no Egito, no século IV, no Vale do Nilo inferior (não de S. Pacômio), e introduziram certa guinada na espiritualidade e houve conseqüências práticas. (1) A ênfase da oração comunitária como celebração (anamnesis da ação do Deus Triuno) e oferenda de louvor e ações de graças passou a ser uma profunda meditação formativa (educacional) da alma individual. (2) espiritualidade individualista. O importante é que em cada monge

fosse formado o Cristo. Esse era o fim. A formação não foi considerada co-produto da celebração. Assim sendo, não importava se reuniam em oração, mas o que importava era a meditação individual. É claro que haja grupos que se dediquem à meditação e haja meditação na vida cristã em geral. Mas transformar tudo em meditação individual para fins de salvação individual é perder o senso da Missão de Deus, conforme J.G. Davies.⁹ Absorção da vida pela oração. Assim, desapareceu o lugar do trabalho.

(4) Houve comunidades monásticas que não se retiraram para o deserto e formaram comunidade religiosas em certos urbanos, na área da Síria e Capadócia. Eles observavam a oração bem cedo de manhã, na terceira hora, sexta hora e nona hora e à noite. No geral, faziam orações comunitárias. Também, eles não dispensaram as cerimônias externas.

Mas é a conclusão de Bradshaw que as Orações diárias receberam influências dos monges do deserto. Essa influência se vê na leitura contínua do Saltério ao invés de seleção de Salmos. Também, a influência se vê na ênfase da meditação.

No tempo de Thomas Cranmer não se teve acesso ao estudo crítico das Orações Diárias.

Certamente, a liturgia anglicana inclui várias tradições que se desenvolveram na história cristã.

A comparação entre os Livros nos mostra a diversidade e, ao mesmo tempo, o mesmo padrão. Por certo, a leitura diária contínua das Escrituras é um dos elementos do padrão e deve ser aproveitada por todos quantos desejam ler as Escrituras diariamente. Não se trata de ler de Gênesis a Apocalipse. Por exemplo, no Ano 1, as leituras do Antigo Testamento começam com Isaias 1 e, praticamente, se lê todo o Livro de Isaias. Ao mesmo tempo, lê-se 1 Tessalonicenses e depois 2 Tessalonicenses e Lucas 20 a 22.69 (no Sinédrio, Jesus diz: agora em diante, o Filho do Homem está sentado à direita do Pai.) E a leitura do Evangelho passa para os primeiros capítulos dos evangelhos sinóticos para se adequar à celebração da vinda do precursor de Jesus Cristo. Esta forma de leitura contínua leva em consideração as Quadras do Ano Cristão.

Outro ponto a destacar é a adaptação de certos salmos como antífonas ou saudação, por exemplo, alteração do “abre meus lábios” do Salmo 51 para “abre os nossos lábios”. Esse uso indica a natureza comunitária da oração e louvor. Há, assim, o desejo de expressar o senso comunitário de celebração ao invés de se mergulhar quase que unicamente em meditação, embora tenha ela seu lugar de importância. Talvez seja a Oração Diária o ponto mais fraco dos Livros de Oração Comum. Neste particular, no Livro de Oração Comum Sul-Africano, na Oração Matutina há uma introdução ou acolhida, em que o Oficiante diz:

⁹ Culto e Missão.

Estamos reunidos como Família de Deus na presença do nosso Pai a fim lhe oferecermos louvor e ação de graças, para ouvirmos e recebermos sua Santa palavra, para trazermos diante Dele as necessidades do mundo e pedirmos o seu perdão e procurarmos a sua graça a fim de que, por meio de Jesus Cristo façamos a doação de nós mesmos neste ofício.

Também, o convite para a confissão carece de certa elaboração bem sucinta mas que se ressalte o que nos leva à confissão. Não é a Deus em abstrato que confessamos os nossos pecados. Não é a Deus que, em sua bondade, trouxe à humanidade a nova criação, novo tempo, novo convívio fraterno? O pecado é a “transgressão” contra esse Deus, rejeição da nova criação, afastamento desse Deus e deixar de assumir a nova condição que nos é oferecida. E isso faz, também, pensar na localização do ato penitencial na seqüência da liturgia.

ANO CRISTÃO

Faz parte do padrão da Liturgia anglicana o uso do Ano Cristão, embora não constasse dos elementos do padrão de Liturgia sugerido pela Conferência de Lambeth 58. Todos os Livros trazem, como foi dito anteriormente, o Calendário Cristão, nas primeiras páginas precedidas de Prefácio. A liturgia anglicana como a liturgia de Igrejas históricas e litúrgicas tem a seqüência do ano que se difere do ano civil. Ao invés de começar com o 1º de janeiro começamos com o Primeiro Domingo do Advento. O núcleo central do Ano Cristão é a Páscoa, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, e, semanalmente, é celebrada a Páscoa no Domingo, que encabeça os dias da semana. Assim, os domingos, o Advento, Natal, Páscoa, Pentecostes e outras festas são momentos visíveis da realidade plena de graça da salvação. Por meio de domingos e de Quadras do Ano cristão celebramos o mistério do Evangelho, do reinado de Deus e da salvação. Celebrar é anunciar o que Deus tem feito e prometido e engrandecer os feitos e promessas (louvar) e dar graças, invocar o Espírito Santo, interceder pelos outros e suplicar que Deus renove os nossos compromissos com a Sua Missão. As Quadras dão variações nas ênfases do memorial e esperança da Ressurreição.

Além dessas festas que marcam as Quadras, há outras festas. Essas festas estão catalogadas nas páginas 13ss do Livro de Oração Comum.

PRECEDÊNCIA DOS DOMINGOS SOBRE OUTRAS FESTAS

No decorrer do Ano Cristão domingos e outras festas podem coincidir. Como regra geral, o domingo tem precedência sobre outras festas, porque o domingo é a razão da celebração cristã. Porém, há exceções e elas mostram serem festas de Cristo, o ressuscitado. (Ver p.13) Assim, fora essas exceções, outras festas são transferidas para outros dias da semana.

Quanto à estruturação das Quadras compartilhamos o Ano Cristão das Igrejas históricas do Ocidente com algumas diferenças, por exemplo, na organização do período da Epifania e depois de Pentecostes. A Epifania em nosso Livro de Oração Comum se estende até a véspera da Quarta-feira de Cinzas e Pentecostes (depois de Pentecostes) até à véspera do Advento. Não adotamos os domingos do tempo comum. Com várias Igrejas históricas, recuperamos o período de cinquenta dias como o período pascal, fruto das pesquisas litúrgicas.

PREOCUPAÇÕES CONTEMPORÂNEOS DA LITURGIA ANGLICANA

Há vários aspectos das preocupações litúrgicas anglicanas. Uma dessas preocupações é a liturgia e inculturação. Esta veio a ser tratada na Consulta Internacional Anglicana sobre a Liturgia em 1989 reunida em York. A Consulta baseou-se no Relatório e resoluções de Lambeth 88 sobre Cristo e Cultura. Entre outras coisas, a Consulta indicou áreas em que é necessária a inculturação. (1) Linguagem, forma de pensamento, estilo de expressão. (2) Vestes clericais e leigas que venham da cultura. (3) Música e hinos. (4) Arquitetura e Arte. Essa preocupação já está sendo traduzida em experimentos litúrgicos em algumas Igrejas da Comunhão Anglicana. Em nossa Igreja ela se centra mais na música e hinos.

A linguagem inclusiva na liturgia é uma outra preocupação. Já está em curso em liturgias alternativas autorizadas em várias Províncias de nossa Comunhão. Mas a inclusividade não é uma coisa pacífica, porque ela implica até na mudança no uso do Nome de Deus tradicional.

As preocupações, os projetos para o futuro não são poucos. Como imaginar o reinado de Deus na assembléia reunida para a Eucaristia é a preocupação de muitos autores, mas é acentuada pelo bispo Rowan Williams.¹⁰ Imaginar o reinado implica em imaginar o nosso lugar na sociedade. Em outras palavras, é imaginar a missão de Deus no mundo e nossa parte nessa missão. Essa questão pode ser tratada sob o título de Liturgia e Sociedade, Liturgia e Política (pólis e politeuma) no sentido de organização da cidade e cidadania.. Certamente, a imaginação da Igreja diante da sociedade, nação e estado se difere de Igreja para a Igreja mesmo dentro da Comunhão Anglicana, dependendo da posição que ela ocupa como majoritária, minoritária, e do acesso que seus eclesianos têm às várias posições de liderança na sociedade e, também, da visão que seus membros têm do reinado de Deus e do mundo em que vive. Por isso, a proclamação plena do Evangelho do reinado de Deus torna-se imprescindível. É certo que os primeiros Livros de Oração Comum

¹⁰ Imagining the Kingdom, IN: STEVENSON, K. e SPINKS, B (ED) The Identify of Anglican Worship, pp. 1-13.

foram elaborados para uma situação em que não havia separação entre a Igreja e o Estado. Certamente, esse relacionamento foi ambíguo. Nós que vivemos uma outra situação não estamos livres da ambigüidade. E isso requer, litúrgica e teologicamente, um discernimento.

Por outro lado, na Oração pela Igreja, na Exortação para a Comunhão a Liturgia de 1549, 1552 e 1662 expressava o senso de responsabilidade da Igreja, de todos os cristão e de todos os cidadãos diante do Deus Santo e da responsabilidade da Igreja em relação à sociedade. A invocação do Deus Triuno na Coleta pela Pureza foi e continua ser o reconhecimento da majestade da livre graça e bondade de Deus anunciada no Evangelho e celebrada na Ceia do Senhor. Esse Deus não pode ser enganado. A responsabilidade para com Deus é feita concreta na exortação para vir à Festa onde nada falta e a única coisa a fazer é sentar-se à Mesa. E o teste da seriedade dos participantes é o desejo de sentar-se em companhia de outros. E o julgamento recai sobre quem deseja afastar-se de quem vem alimentar-se do Banquete. Se alguém sentir-se indigno de pertencer a essa companhia, então, sabe que está ao seu alcance a reparação da injustiça cometida ou da falta de amor. Isso não é moralismo, diz Bispo Rowan, trata-se da ética evangélica na liturgia. Em outras palavras, a companhia (expressão característica do antigo Livro) na Mesa é a representação da ordem social na perspectiva do Livro de Oração Comum. A possibilidade de sentar-se junto como hóspedes de Deus se relaciona, também, com o modo como se usam o poder e os bens fora dos momentos litúrgicos da assembléia reunida.

Tudo isso significa que é preciso trabalhar na área de Exortação, da Confissão, das Intercessões, da Oração Eucarística, de modo a poder imaginar o reinado de Deus como a nova possibilidade de convivência, comunidade fraterna e solidária fazendo o uso das metáforas do Pacto, da Aliança, da Cidade e cidadania. É certo que essa imaginação é antecipação que propulsiona o viver agora na direção da plenitude do reinado de Deus. Por isso, sob o anúncio da promessa, da esperança é preciso rever os termos de exortação e confissão ou penitência.

✠ Sumio Takatsu

Referência Bibliográfica

- JASPER, R.C.D. *The Development of the Anglican Liturgy (1662-1980)* SPCK, 1989
MITCHELL, L.L. *Praying Shapes Believing*, Winston Press, 1985
INGHAM, M. *Rites for a New Age*, The Anglican Book Center, 1986
SYDNOR, W. *The Real Prayer Book, 1549 to the Present*, More-House Barlow, 1978
PERHAM, M (ED.) *Liturgy For A New Century*, SPCK, 1991
PERHAM, M. (Ed.) *.Towards Liturgy 2000.*, SPCK 1989

LIVRO DE ORAÇÃO COMUM NO ANGLICANISMO

O anglicanismo é uma forma, um jeito de ser Igreja muito identificado com o Livro de Oração Comum. Praticamente, os anglicanos ficam perdidos sem esse Livro. E aqui é preciso dizer que o “comum” caracteriza o Livro. É o Livro de Oração da Igreja, e de todos os anglicanos. Diga-se de passagem que cada uma das Igrejas da Comunhão Anglicana tem o seu livro e podem-se perceber as diferenças entre um e outro, mas todos eles têm um “padrão” comum. Por isso, é possível dizer o seguinte: embora o Livro de Oração Comum (também entendido como LOC em sua forma abreviada) não esgote a experiência, história, auto-compreensão anglicanas, passam por dentro deste livro história, as teologias, eclesiologias e espiritualidades das Igrejas da Comunhão Anglicana, sua forma ou método de celebrar sua Fé (os atos poderosos de Deus, o Evangelho) e de se organizar como Igreja (Ordem). Talvez seja mais justo dizer que o LOC é a fonte dessas disciplinas teológicas e expressão do que as Igrejas da Comunhão entendem por essas disciplinas. É claro que a fonte não pode ser tomada em seu sentido literal. Porém duas fontes principais estão no LOC: a Escritura e os Credos católicos, Batismal (denominado de apostólico) e Niceno-Constantinopolitano. Diga-se de passagem que os anglicanos têm-se referido às Escrituras, à tradição e à razão como fontes da teologia. A tradição no sentido lato é a vida contínua da Igreja. A razão tem a ver muito mais com a cultura dos povos.¹¹

ANGLICANOS E A PALAVRA DE DEUS

O modo anglicano de entender o sentido da Palavra de Deus está, também, no LOC. Por exemplo, a designação da primeira parte da Eucaristia, Rito II diz: Palavra de Deus e no Rito I, Liturgia da Palavra. A estrutura dessa primeira parte nos diz como os anglicanos entendem o sentido da Palavra de Deus. De que consta essa parte? Toma-se aqui como exemplo o Rito II.

Saudação entre o oficiante e o povo:

- expressando mutuamente o desejo de louvar ou bendizer o Deus Triuno (na primeira saudação).
- de anunciar a ressurreição de Cristo (na Quadra pascal).

¹¹ Sobre o lugar das Escrituras em relação à tradição e razão, ver o Relatório de Lambeth 88, seção sobre as Preocupações Dogmáticas e Pastorais, onde se diz com referência duas coisas importantes, “a autoridade soberana da Santa Escritura como a mediação pela qual Deus pelo Espírito Santo comunica sua palavra na Igreja”... “coleção de escritos humanos”... “testemunho da revelação divina inspirado de modo único”.

■ de bendizer o Deus misericordioso, que perdoa os pecados (na Quadras penitenciais).

Oração - Coleta pela Pureza (talvez a oração mais usada entre as Igrejas da Comunhão).

Cântico adequado à Quadra do Ano Cristão e à ocasião (omite-se, no geral, nas quadras penitenciais).

Leituras do Antigo Testamento, do Novo Testamento e do Evangelho entremeadas de Salmos e outros hinos.

Sermão.

Recitação do Credo.

Intercessões.

Confissão e Absolução.

Saudação da Paz.

Voltando à questão original que nos levou a enumerar estes itens que constituem a estrutura da Liturgia da Palavra de Deus, podemos dizer que esses elementos e a forma como se anunciam as leituras indicam a compreensão das Igrejas da Comunhão Anglicana sobre o significado da Palavra de Deus.

As leituras são recortes (perícopes, traslado de um pequeno trecho) das Escrituras feitas para fins litúrgicos. São anunciadas como sendo a Palavra de Deus. Essas leituras são a memória que contem esperança. São testemunho e sinal da Palavra de Deus. Como testemunho e sinal as leituras e a Bíblia como um todo estão apontando para a Palavra viva, uma realidade, que não é idêntica à Palavra escrita, tendo não obstante uma relação mútua inevitável. Tanto assim que o Novo Testamento fala na Palavra ou Verbo feito carne, Jesus Cristo, a Palavra. Basta ler o Evangelho de S. João e o Livro de Apocalipse para se ter uma ligeira noção disso.

Há uma terceira dimensão ou aspecto da Palavra de Deus. A Escritura lida e ouvida à luz de Jesus Cristo se torna uma mensagem viva e conseqüente na vida uns com os outros e na vida com Deus, mediante o exercício do ministério da Palavra. Trata-se da interpretação das leituras para nós hoje. É a convicção do LOC de que o Cristo pelo poder do Espírito Santo atua em nós pelo trabalho da interpretação, atualização e aplicação. Há quem pense como Reginald H. Fuller que, em determinadas celebrações, o sermão é dispensável. Diga-se com humor que ele tem razão. Há pregações e pregações, principalmente, quando o sermão não é preparado e mesmo quando bem preparado - preparo que começa no pregador e nele termina, sem levar em consideração o contexto. É claro que o pregador deve pregar, primeiro para si, no sentido de estar debaixo da mesma Palavra, mas deve levar em consideração as pessoas em seu contexto.

Assim, há uma tríplice dimensão da Palavra de Deus. A Palavra de Deus não é igual à Escritura, porque Jesus Cristo é a Palavra de Deus. Porém ela é o seu

testemunho inspirado pelo Espírito Santo, e é, nesse sentido, a Palavra de Deus. E, sem a mediação desse testemunho e memória originais e sem a inspiração do Espírito, hoje como lá, no seu berço e na tradição, transmissão e recepção por diferentes contextos, não se tem acesso à Palavra, Jesus Cristo para nossos dias. Para não dizer que esta tríplice noção da Palavra saiu da cabeça de um ou de outro, basta compulsar ligeiramente o Relatório da Conferência de Lambeth 1958, Conferência dos Bispos Anglicanos naquele tempo. O Relatório diz:

Através da Bíblia há muitas referências à “Palavra” ou a “Palavra do Senhor” ou a Deus que fala. Essas frases nos falam de um elemento muito significativo dentro da Bíblia Deus é um Deus que fala. Isto significa duas coisas: que o propósito enunciado de Deus encontra suas expressão em seus atos no mundo, e que suas ações no mundo visam um impacto sobre as mentes e consciência das pessoas ou por revelação ou por ordem, ou por julgamento ou por desafio. Pela Palavra de Deus o mundo foi criado, o mundo é sustentado, os eventos da história são governados, o Israel foi libertado... Em tudo isso a Palavra de Deus foi revelada. Porém, finalmente, em Jesus a “Palavra se fez carne e habitou entre nós”. Aqui está a revelação plena e final. Jesus Cristo, Ele próprio é a Palavra de Deus.

Embora o termo Palavra se refira ao ensino de Jesus, e o Evangelho proclamado pelos apóstolos é evidente que Ele próprio é o coração do Evangelho. Visto que Jesus é a Palavra, Ele é a chave para a nossa compreensão da Palavra no Antigo Testamento que precedeu à sua Encarnação e da Palavra nos escritos do Novo Testamento... É evidente que se deve entender o modo como a Bíblia é a Palavra de Deus, é preciso considera como centro de nosso pensar teológico o fato de que Jesus Cristo é a Palavra de Deus. Com isto como guia podemos ler o Antigo Testamento como a Palavra da Promessa de Deus e Novo Testamento como a Palavra do Cumprimento.

À luz da relação da Bíblia com Jesus Cristo podemos afirmar que a bíblia possui a autoridade verdade de Deus é a obra da inspiração de Deus, sem atribuir a inerrância (infallibilidade, sem erro) a qualquer declaração que a Bíblia contém... Antes a ausência de inerrância nos capacita a evitar o erro de atribuir o caráter irrevogável e autoridade final a quaisquer estágios da revelação que são incompletas... lembrando-nos de que só Jesus Cristo é o cumprimento final. (2.7 - 2.9) Acima de tudo, a mensagem bíblica é percebida como contemporânea quando as vidas humanas são transformadas pela graça de Deus com a entrega do coração, mente e vontade ao Senhor. Ai se vêem os sinais autênticos da nova Criação, a qual é a prova do Evangelho. (2.17) ¹²

¹² Ver, também, PRICE, Charles P. e WEIL, L.(ed.) Liturgy For Living.

Convém ainda tratar sob a perspectiva do testemunho e sinal visível da graça (sacramental) dessa relação tríplice: Palavra - Bíblia, Palavra - Jesus Cristo e Palavra, a Boa Nova, eficaz hoje na vida da Igreja e na vida cristã. A Bíblia como testemunho é interrogável e como sinal é visível, material sujeito à análise sob o ponto de vista que abrange uma gama ampla de preocupações com respeito à avaliação dos textos como documento, sua transmissão, (crítica textual), apreciação crítica do conteúdo dos textos quanto ao gênero literário, vestígios da composição de pequenas unidades em maiores unidades, sua redação passando por diferentes contextos até chegar ao que conhecemos como Livros das Escrituras. Em outras palavras, trata-se de vestígios de uma cadeia de transmissão, audição e interpretação. Graças a Deus que Ele inspirou com o seu Espírito Santo todo esse processo. Não obstante, é letra, um material dinâmico que pode até ser apresentado para justificar dogmatismo doutrinário ou moral estéril. (Neste caso, leia-se 2Co. 3.6,17). Diga-se de passagem que se ouve com freqüência: isso aí é uma interpretação e não é o que a Bíblia diz, como se os textos tivessem caído da boca de Deus e tenham chegado a nós em sua pureza original, sem mediação alguma. Qualquer uso dos textos é uma forma de interpretação, em última instância. Destacar um texto do seu contexto e fazer dele uso de tipo slogan é uma forma de interpretação e até ingênua. Por isso a questão seria se é adequada, errônea, aceitável pela comunidade da Igreja como um todo. A Bíblia como sinal parece com o pão que passou por várias fases de mediação desde o plantio dos grãos até chegar à nossa boca. Nesse sinal visível nos é dado o Cristo. Para que haja uma real percepção, audição e acolhida da Palavra é preciso que haja alguma coisa como "cura" de cegueira, surdez, mudez, paralisia, isto é, libertação e a inspiração do Espírito Santo.¹³

Com efeito, a estrutura litúrgica em que se fazem as leituras e a interpretação da Palavra, seja na forma de sermão, seja em outra forma de comunicação, esse conjunto da Palavra é uma indicação de que o processo ou o evento do ouvir, ver e agir acontece dentro de certas condições e finalidade. De modo resumido, essa estrutura como já foi dito refere-se à invocação do Deus Triuno, de um modo ou de outro, engrandecimento Dele, e súplica. E isso diz respeito à atitude perante Deus de quem deseja receber a Palavra, o Evangelho, Cristo crucificado e ressurrecto, e acolher uns aos outros. Que é glorificar, engrandecer (louvar) a quem invoca? Há um obra muito significativa sobre essa questão da autoria gêmea de Daniel W. Hardy e David F. Ford, da qual vale a pena fazer uma citação extensa.

A lógica, digamos, do louvor é que o amor criativo transbordante que livremente aperfeiçoa a sua própria perfeição e convida outros a participar dessa vida por meio do louvor. A única afirmação de Deus que é adequada é a sua própria afirmação... Quando os cristãos viram a afirmação divina culminante

¹³ Ver Lucas 7.18ss.; Mt 11.3ss.; Is 61; 35.5ss.

em Jesus Cristo, isso implicou numa compreensão transformada da glória de Deus. Tanto assim que Paulo lutou corpo a corpo com a idéia escandalosa da glória de Deus expressa numa pessoa crucificada e João fez da Cruz o centro de sua concepção da glória. Uma das expressões mais concentradas da nova concepção da glória é a Carta aos Filipenses". "Toda a criação é obra do amor de Deus. Jesus Cristo é dar-se a si mesmo de Deus em amor para restaurar e levar à consumação toda a criação. O Espírito Santo é o derramamento desse amor para transformação interminável e para a criatividade sempre renovada. O louvor a Deus é o reconhecimento de tudo isso e, acima de tudo, se deleita com tudo isso e o celebra.¹⁴

É claro que a recepção da Palavra e o conseqüente reconhecimento (louvor) se interpenetram. O importante é dizer que se trata de atitude para com Deus: não ser prisioneiro de si mesmo ou de qualquer coisa. Quem é prisioneiro de si não se pode deleitar com a grandeza de Deus e magnificá-lo em cantos. Diga-se aqui de passagem que o louvor não está *em cantar*, por mais que o cantar esteja estreitamente ligado com o louvor. Um pouco de leitura dos Salmos nos mostra que o cantar é uma forma associada ao engrandecimento. Deve-se cantar onde se pode, mas o louvor é cantar o engrandecimento de Deus que se humilhou para que os órfãos(ãs), colocados às margens da vida, os enfraquecidos, empobrecidos pudessem participar da vida de Deus. Isso tem de ser ressaltado para que não aconteça uma "identificação" do louvor a Deus.

É natural que quem louva a Deus acolhendo sua Palavra deseja ver toda a sua criação, neste mundo das pessoas e seu meio ambiente, o lugar da habitação da glória divina. As intercessões apontam para a direção desse desejo. É evidente que, pelas rubricas (orientações), há mais de uma forma de fazer as Intercessões. Porém há um padrão indicado, (por ex., p.73) contendo alguns itens: lembretes de que as intercessões não sejam expressões sectárias, e levem em consideração muitos aspectos (para não dizer todos) da vida do mundo, e da Igreja e criação. Com efeito, as orações públicas revelam a Igreja com suas virtudes e seus defeitos. As orações podem revelar uma comunidade insulada e voltada para si mesma. Isso contradiz sua natureza e aponta para o caminho perigoso, conforme um moto muito conhecido na década de 60: a Igreja que vive para si morre por si mesma (M.A.Ramsey). As Intercessões têm a função de levar conosco múltiplos setores e aspectos da vida deste mundo diante de Deus, e de colocar esse mundo sob a perspectiva do Evangelho, o Cristo, Intercessor - por quem e para quem tudo foi criado (Cl 1,16).

Também quem engrandece a Deus deve reconhecer a dimensão contraditória na sua vida. Pois esse reconhecimento é expresso em confissão e absolvição de

¹⁴ Jubilate: Theology in Praise, pp.6,1.

pecado. Quem (pessoa e comunidade) toma essa atitude de que falamos e a prática mostra a liberdade de que fala S. Paulo (2Co 3.17).

O efeito da Palavra e do Sacramento, segundo Richard Hooker, clássico anglicano, é a comunhão como está expresso numa das orações eucarísticas, “feitos um só corpo com Ele, para que Ele habite em nós e nós Nele” ou na Coleta do 4º Domingo na Quaresma, “concede-nos sempre esse Pão, para que Ele viva em nós e nós nele”. E a comunhão tem a ver com a paz. A paz envolve uma relação muito abrangente com Deus e, por consequência, uns com os outros, uma relação segura de confiança, amor e respeito mútuos e com o meio ambiente.

Em síntese, a estrutura litúrgica exposta até aqui, conforme o LOC, é o que os liturgistas anglicanos e outros denominam de padrão, estrutura ou forma (shape, G. Dix, e “ordo”, G. Lathrop),¹⁵ cujo propósito é como povo reunido celebrar, fazer “anamnesis” dos atos e promessas divinos centrados na morte e ressurreição de Cristo, porém com vistas a toda a humanidade e toda a sua criação.

LEITURA DAS ESCRITURAS E O ANO CRISTÃO

As leituras no culto público, na liturgia, visam celebrar os atos divinos cheios de bondade e graça, pelos quais a Igreja veio existir como comunidade de seu testemunho, a revelação dos planos de Deus, o seu mistério. Com a denominação de Ano Cristão as Igrejas cristãs litúrgicas estruturam seu calendário, sua agenda litúrgica, seu tempo com vistas à celebração do mistério do Evangelho. É uma maneira de ver o tempo fugaz intersectado pela companhia e presença de um outro tempo, o tempo do seu Criador e doador. Por isso, Massey Shepherd denominou o “Ano Cristão como mistério pelo qual cada momento e todos os momentos e estações desta vida são transcendidos e realizados naquela realidade que está para lá do tempo”. Por isso, nessa perspectiva, um trecho pequenino do Evangelho na seqüência das celebrações é um sacramento de todo o Evangelho.¹⁶ Já Charles Price e L. Weill encontram

¹⁵ O padrão litúrgico do LOC até aqui considerado equívale ao que G. Dix, em *The Shape of the Liturgy*, 1945, denominou de estrutura clássica de Synaxis, ou Liturgia da Palavra, que precede à estrutura da Liturgia da Mesa. Desde a Conferência de Lambeth 58, a Comunhão Anglicana tem falado na unidade anglicana em torno do padrão do Livro de Oração Comum e não em torno de um livro só. Esse padrão é o que Dix descobriu como sendo a unidade na diversidade de liturgias da Igreja antiga. E a Consulta Anglicana Internacional de Literatura reunida em Dublin, em 1993 delimitou essa estrutura da Liturgia da Palavra e da Mesa, sugerindo quais elementos são indispensáveis, integrais mas ocasionalmente dispensáveis, não são omitidos, em princípio, porém omitidos em determinadas ocasiões, não necessários, mas desejáveis ocasionalmente. HOLETON, D. (editor) *Our Thanks and Praise*, p.292-3. LATHROP, G. *Holy Things: A Liturgical Theology*. Fortress Press, 1993.

¹⁶ *Liturgy and Education*, p.99-100.

no cristal uma parábola desse sacramento. Os cristais têm uma propriedade singular. Não importa seja qual for o seu tamanho o cristal tem sempre uma estrutura igual, o mesmo número de facetas e mesmos ângulos entre as facetas. Na perspectiva da adoração, “cada momento, seja breve, seja longo, é tempo de observar, celebrar e participar no grande mistério de Cristo”.¹⁷

O Ano Cristão está organizado com duas metades complementares ou dois ciclos interligados. Um se centra na ressurreição de Cristo, que inclui sua Paixão, a vinda do Espírito Santo. Por isso, temos Quaresma-Páscoa-Pentecostes. O outro se centra na Encarnação e temos Advento-Natal-Epifania. Na Igreja Primitiva Páscoa e Pentecostes eram uma festa unitária. O termo pentecostes tem a ver com os cinquenta dias da Páscoa, na visão de S.Lucas. Na visão de S.João houve simultaneamente a ressurreição e a doação do Espírito Santo. O Advento é o preparo para a Festa da Encarnação e a Epifania celebra a manifestação do Verbo feito carne. A Quaresma é o preparo para a Páscoa e os Pentecostes celebram o derramamento do Espírito Santo, em virtude da Ascensão do Ressurrecto. É característica anglicana ver uma quadra sucedendo a outra sem a interrupção com os domingos do tempo comum depois da Epifania e depois de Pentecostes. Por isso, temos domingos depois da Epifania até o seu último domingo (Transfiguração) e depois de Pentecostes até o Advento.

Nesta estrutura o início do Ano Cristão é o Advento. Como há duas metades interligadas, a primeira começando com o Advento (a vinda de Cristo) vai à direção de Pentecostes, donde começou a Igreja, e a segunda metade, em plena confiança do primeiro Advento (Cristo já veio) vai à direção da plenitude do Advento (Cristo virá em glória). Com efeito, vivemos no tempo abraçado pelo primeiro Advento e Epifania e pelo Advento e Epifania finais. Isso é o Ano da Graça.

As Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento são lidas, ouvidas e proclamadas como celebração, como memorial do que Deus Triuno tem feito e prometido, seguindo essa seqüência das Quadras do Ano Cristo, que são por sua vez, sinais visíveis do tempo de Deus-conosco. Diga-se de passagem que a estrutura do Ano Cristão como hoje se encontra não nos chegou tudo pronto. Houve uma história de sua evolução.

LIVRO DE ORAÇÃO COMUM E TEOLOGIA

No anglicanismo com característica diversidade há mais de uma forma de fazer teologia. O que impulsiona essa pluralidade ou diferenças é o que se encontra no Livro de Oração Comum - uma “teologia primeira”, aquela prática da conversa com

¹⁷ Liturgy For Living, p.220.

Deus e sobre Deus por meio de palavras e de atos públicos, comunitários e até pessoais.¹⁸ E aqui é preciso dizer que os liturgistas de diferentes persuasões eclesiais tendem a destacar a importância da “teologia primeira”. Isso não constitui, por isso, a peculiaridade anglicana. A característica anglicana está na identificação dessa “teologia”, dessa conversa da comunidade e das pessoas com Deus e sobre Deus diante Dele com o Livro de Oração Comum. Ai está a celebração do Evangelho, a Boa Notícia do novo relacionamento com Deus e uns com os outros mediante a reconciliação em Cristo, nova criação em diferentes ocasiões (recepção e incorporação das pessoas na Igreja, casamento, etc.), a oração, conversa com Deus. Ai está o que os anglicanos crêem na forma de oração e ação litúrgica.

O Deus com quem os anglicanos na sua liturgia querem conversar e proclamar é Deus Triuno. Há muitos elementos do LOC, que apontam para tanto. Os principais entre eles são as Orações Eucarísticas. Elas são trinitárias estruturalmente falando. Obviamente, o Credo Niceno-Constantinopolitano é trinitário. Porém sua presença na Liturgia eucarística é tardia. Conforme L.Weil, na medida em que a oração eucarística - a oração pública da comunidade batismal - veio a ser dita com voz muito baixa, como se fosse uma oração secreta, uma espécie de “clericalização” dessa oração, o Credo Niceno veio compensar essa proclamação trinitária.¹⁹

Encontramos a fé e teologia trinitárias, também, no Batismo, Sacramento que não só faz a recepção e admissão das pessoas na Igrejas, mas também celebra o nascimento da Igreja, portanto, Sacramento da Unidade. Encontramos essa fé trinitária, também, nas doxologias, principalmente, na sua forma abreviada, o *Gloria Patri*, e nas Coletas.

A coleta é uma palavra que tem mais de um sentido na Igreja. No geral, quando as pessoas ouvem essa palavra pensam na oferta, na contribuição. É com razão as pessoas fazem essa associação. Com efeito, a coleta quer dizer coisas coligadas ou reunidas e neste sentido a oferta que fazemos na hora do culto é uma coleta. Por outro lado, a coleta significa um resumo das orações da assembléia (Igreja, ekklesia). É ela precedida de saudação, e aparece, também, no fim das litanias, ou das intercessões em vários ritos ou ofícios do LOC. É Louis Weil quem faz a ligação muito interessante entre a coleta (coisa reunida) com as orações do povo reunido e a Igreja como reunião. O povo reunido de todos os cantos da cidade, do mundo traz as orações e aquele que preside faz a coleta, junta as orações num resumo. Isso aconteceu numa fase da história da Igreja. A coleta no início do Ministério da Palavra é considerada um resquício dessa época e tem a intenção de resumir a preparação. Na Gália, na Idade-Média, entre *Oremos* e a Coleta havia um momento de silêncio em que as

¹⁸ MITCHELL, L. *Praying Shapes Believing*, p.2.

¹⁹ *Gathered to Pray*, p.127.

pessoas oravam silenciosamente. Nesse caso, a coleta foi um ajuntamento, colheita das orações particulares em oração da comunidade. De fato, as coletas são um “microcosmo” da oração da Igreja.

Uma ligeira análise do que caracteriza uma coleta pode chegar a essa conclusão.²⁰ No geral, a coleta consta de: invocação de Deus Pai, sua qualificação e seus atos, pequena petição e louvor. Por exemplo, a coleta do Natal diz:

Deus Onipotente, que nos deste Unigênito Filho—Concede que nós, regenerados e feitos teus filhos ... sejamos de dia em dia renovados pelo Espírito Santo ... Mediante ... que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre.

Essas qualificações ou atributos de Deus têm base nos atos de Deus narrados na Bíblia. Esses atributos precedidos de “que” são a base da ação de graças, louvor e petição. Em outras palavras, ação de graças, louvor, petição, atos de testemunho, são respostas à iniciativa e ação em que Deus revelou a sua graça. A Igreja é Igreja e teve sua epifania histórica porque Deus agiu.

Assim, a coleta é um microcosmo não só da oração da Igreja mas também da sua celebração (memorial, anamnese) do que Deus tem feito. Esse microcosmo é trinitário. O louvor, ação de graças e súplica são dirigidas a Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela mediação do Filho e pelo poder do Espírito Santo. Isso corresponde ao modo como Deus se revelou e como chegamos a conhecer e amar a Deus.

Esta exposição da estrutura da coleta levanta uma questão relacionada com a existência de coletas (é verdade, em número reduzido) dirigidas às outras pessoas da SS.Trindade. Por exemplo, a Coleta do 3º Domingo do Advento é dirigida a Jesus Cristo:

Senhor Jesus Cristo que, na tua primeira vinda, enviaste o precursor para preparar o teu caminho... ó Tu que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre.

Há indicações de que a invocação do Filho surgiu na controvérsia sobre a divindade de Jesus Cristo. Contra os arianos a oração foi feita ao Filho para afirmar a igualdade das pessoas da Trindade. Só que essa afirmação deixou de ter conseqüência irônica. Ao afirmar a divindade do Filho, na oração, enfraqueceu a sua função de Intercessor, conforme L.Weil. E a conseqüência disso foi a compensação desse enfraquecimento surgiram as invocações dos santos como intercessores.

A estrutura das coletas, doxologias que tanto repetimos, a Eucaristia, o Batismo apontam para a natureza e vida do Deus Triuno como comunhão perfeita.

²⁰ Idem, p.31-32; SENN, Frank. Christian Liturgy, p.139.

De acordo com a promessa divina, essa comunhão tem a ver com a vida vulgar, cotidiana, especialmente, onde as pessoas se encontram nas beiradas, nas margens onde as coisas estabelecidas como certas se desmoronam e para frente está o mundo sem sentido, incerto, caótico. Com a morte de alguém isso acontece de um modo ou de outro. A comunhão do Deus Triuno como Deus-conosco ocorreu para a Igreja com o seu próprio surgimento, de sexta-feira para o domingo da ressurreição. Foi a experiência marcante dos seguidores originais de Jesus a experiência da sexta-feira. Todas as expectativas dos primeiros discípulos foram abaladas. Não só a dispersão narrada no evangelho mais antigo, mas a conversa dos discípulos que caminhavam para Emaús (Lc 24) revelam a situação conduzida ao caos. É ali que a comunhão do Deus Triuno se revelou como a comunhão que ajunta os dispersos, reorienta os desorientados, anima os que são dominados pela morte e torna os inimigos em amigos. (Ver as Coletas da Semana da Páscoa.)

Esse foco da comunhão na morte e na ressurreição de Cristo é celebrado claramente não só na Eucaristia, no Batismo, mas também no Ofício de Sepultura. O Prefácio desse Ofício(p.193) diz: a liturgia dos falecidos é uma liturgia pascal. A morte nessa perspectiva é a alienação humana última. Essa morte foi tragada na morte de Jesus (1Co 15.55ss.) Na forma de coleta (LOC, p.195) Deus é celebrado, lembrado como o "*Deus, que pela gloriosa ressurreição de teu Filho Jesus Cristo, destruiste a morte e nos deste vida eterna.*" Onde a morte faz a separação, alienação final, Deus se fez Deus-conosco. E temos ali a visão da consumação final da comunhão eterna, quando Deus será tudo em todos, (1Co 15). Diga-se de passagem que, baseados no prefácio, nas orações e rubricas, podemos delinear três propósitos do Ofício de Sepultamento. (1) Dar graças a Deus pela companhia do irmão (ã) falecido (a) sob a perspectiva do Evangelho da Ressurreição e da comunhão dos santos. (ver a oração da p.196, onde ressaltados estão os vínculos de afeição, e a natureza peregrina desta vida.) (2) Entregar nas mãos de Deus a pessoa falecida (encomendação, pp.204-205) (3) Consolar "*todos os que choram*" (p.196, 199). Com relação a isto nos vem a lembrança de John Donne, poeta e clérigo anglicano do século XVII, para quem não há coisa mais pessoal e, ao mesmo tempo, mais comunitária e universal do que a morte. Nas palavras dele "homem algum é uma ilha...para quem dobra o sino? para ti e para mim" (citação livre). É nesse contexto que o Evangelho da Ressurreição é apresentado diante de Deus na forma de oração e intercessão. "*Oremos por nosso irmão N, a nosso Senhor Jesus Cristo que disse: Eu sou a ressurreição e a Vida. Senhor Tu consolaste a Marta e Maria em sua aflição; vem junto de nós que lamentamos a morte de N e enxuga as lágrimas dos que choram...* A encomendação, a entrega da pessoa falecida nessa perspectiva se torna memorial da vitória da ressurreição de Cristo. Conforme a coleta da Encomendação, *Senhor Jesus Cristo a Ti encomendamos... que renasceu da água e do Espírito Santo no Batismo. Permite que a sua morte seja para nós um memorial*

de tua vitória sobre a morte e seja, também, ocasião para que renovemos nossa confiança no amor do Pai... O memorial visa renovação. Como coleta conclui dizendo *"Tu que nos precedeste e onde vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos."*

Falando em memorial, todo domingo é o memorial da ressurreição, por isso, renovação da vida e restauração das relações quebradas ou enfraquecidas, na vida comum de cada dia. Segundo a tabela de precedência, LOC p.13 o domingo tem precedência sobre todas as festas exceto as festas de Cristo. Essa é a razão da precedência.

Como foi dito acima o Evangelho da Ressurreição é proclamado e celebrado e dito em oração no Sacramento do Batismo (iniciação, admissão) e no Sacramento da Santa Comunhão ou Eucaristia (da mesa, nutrição). Isto significa que a nossa "lavagem" (banho) e recepção do Espírito Santo, e o nosso alimento (pão e vinho) vêm daquele evento pelo qual Deus fez daquele vítima da violência do império romano o começo de uma nova vida, nova convivência, comunhão e comunidade. É claro que entre o fato vítima e o resurrecto está a doação voluntária e vitoriosa, em favor de todos e a ação Daquela que o enviou no poder do Espírito Santo. Aqui o importante é ressaltar que o dom da comunhão trinitária ocorre em meio à injustiça, alienação e morte, enfim da contradição da vida.

Isso é um sinal eloqüente de que Deus ama a humanidade e ela está no coração de Deus. Deus ama o mundo de tal maneira como diz S.João, por isso fez-se humano em seu Filho e "viveu como um de nós" (Oração B). É o Deus-conosco, cujo poder tanto ressaltado nas coletas (Onipotente Deus) "se revela, principalmente, em misericórdia e compaixão", Próprio 21, p.133). Assim, o amor de Deus é seu poder. A misericórdia no Antigo Testamento abrange amor, bondade, fidelidade. O Deus celebrado no LOC ou em outras liturgias cristãs é o Deus que toma a iniciativa em seu amor e fidelidade. As pessoas são chamadas a participar dessa iniciativa. Essa precedência divina é expressa na prática do batismo infantil, e nas coletas, por exemplo, do próprio 11, "Deus Onipotente, fonte de toda a sabedoria, que tanto conheces de antemão as nossas necessidades quanto nós ignoramos o que pedir", ou numa outra coleta, ... "de quem procede a graça de teus servos te servirem bem e louvavelmente" (próprio 26). O tema destacado na época da Reforma (justificação) aparece na coleta da sexta-feira da semana da Páscoa "Pai Onipotente, que deste teu único Filho para morrer por nossos pecados e ressurgir para nossa justificação" (baseada em Jo 3.16; Ro 4.25; e 1Co 5.7-8 foi composta para o LOC de 1549).

Falamos até aqui sobre o Deus Triuno. É claro que, sendo o centro do LOC a adoração a Deus, muito do que se fala sobre a liturgia gira em torno de Deus. Mas qual é o lugar da humanidade diante de Deus na visão do Livro de Oração Comum ?

VISÃO DO HUMANO

No contexto da ação do Deus Triuno, o ser humano em sua dualidade como homem e mulher e como tal a imagem de Deus tem papel preponderante.

A humanidade criada à imagem de Deus é proclamada, celebrada e lembrada nos próprios, mas também na oração eucarística: “nos fez à sua própria imagem confiando ao nosso cuidado o mundo todo”(Oração B, p.87). No centro da idéia da imagem está a capacidade de relacionamento, de responder e corresponder e transcender a si mesmo. A imagem de Deus como criatura dual de homem e mulher, diferente e semelhante aponta para essa relação. Não é uma criatura auto-suficiente (não é uma ilha no sentido de John Donne) e quando assim se conduz nega a si mesma e traz conseqüências nefastas para o outrem. Diga-se de passagem que o LOC tem a consciência disso expresso na mesma oração eucarística acima mencionada: mesmo quando, por nossa desobediência, nos afastamos tão longe de Ti... e mostra a supremacia da graça dizendo “não nos abandonaste ao poder da morte”.

Talvez essa concepção da imagem se expresse por meio da mordomia, co-participação na Criação. A mordomia aponta para a vida, o solo, os recursos naturais, os recursos produzidos, e tempo, talentos, as oportunidades, criatividade em todas áreas da vida, enfim, tudo como o dom confiado por Deus e, por isso, implica na prestação de contas para Deus. Essa concepção da mordomia está sintetizada nas palavras atribuídas a Davi na dedicação do Templo, “tudo vem de ti e do que é teu te damos” (1Cr 29.14) uma das frases do ofertório mais conhecidas entre os anglicanos. Também, na Coleta pela mordomia da Criação, lemos o seguinte, ... *“concede que, lembrando-nos de que havemos de prestar contas a Ti, sejamos mordomos fiéis das tuas boas dádivas.”*

A mordomia co-participante nos indica o exercício do dom da liberdade, sem cair na auto-suficiência. O Salmo 8, que lemos muito pouco durante o ano, conforme os lecionários dominicais e diários, é um bom lembrete de que fomos chamados a exercer o domínio da realeza na criação cercado pelo exercício da majestade gloriosa de Deus. O Salmo começa e termina dizendo que Deus colocou a sua glória em tudo. Vs. 6 deste-lhe o domínio... É interessante observar que o salmista diz que a identificação de Deus está associada com seu desejo de tornar esse pequenino mortal e frágil “rei” da criação (coroaste). Essa aclamação onde há muitos tipos de hierarquia soou como uma democratização, por assim dizer, da soberania. É possível que esse salmo tivesse origem na coroação dos reis, mas na forma que herdamos a referência é a humanidade toda. Também, é bom observar que, no Novo Testamento, essa coroação, esse exercício estão focalizados Naquele que tomou a forma de servo, de escravo, do crucificado. (Mc 10.42ss.; Fp 2).

Deve-se reconhecer, por outro lado, de que houve interpretação errônea do domínio humano sobre a natureza. A mordomia, responsabilidade, domínio não

significam a depredação da natureza. Trata-se de dizer que a criatura humana se distingue e tem um lugar ímpar na natureza. Sem cair em depredação cruel de animais, pode-se apreciar um bom pedaço de bife ou churrasco, respeitando, também, aqueles que têm visão contrária, (por ex., Ro 14.3). O que não se pode conceber é colocar outras criaturas acima do humano. Outra coisa é dizer que tudo é companheiro das criaturas humanas no louvor a Deus. Nesse sentido, *Benedicite omnia opera Domini* (Daniel 3, na versão grega) em sua íntegra se encontra na versão antiga do LOC e cuja primeira parte se encontra no atual LOC com o título de *Benedictus es, Domine*, os Salmos 104 e 148 são lembretes relevantes de que toda a criação e tudo o que nela acontece devem ser considerados nossos companheiros no louvor a Deus.

Que o LOC tem a dizer sobre o papel ativo da humanidade? Há indicações de que o LOC avalia positivamente as atividades humanas na dimensão social, histórica e cultural. Na Oração A (p. 82) está insinuada essa apreciação nas seguintes palavras, *“dos primeiros elementos fizeste surgir a raça humana e a abençoaste com memória, razão e sabedoria”*. Vemos aí até uma concepção da criação como um processo evolucionário. Porém uma frase seguinte nos lembra de que não nos convém apegar-nos à visão evolucionária lineal, progressiva, porque a história é cheia de ironias. *“Tu nos deste domínio sobre a criação. No entanto, traímos tua confiança e rebelamo-nos contra Ti e nos voltamos uns contra os outros”*.

A convivência humana em cidade, em organização social, política, econômica, cultural não está esquecida.

PELAS CIDADES

Pai Celeste, em tua Palavra nos deste a visão daquela cidade santa, à qual as nações do mundo trazem sua glória. Contempla, vista, nós te rogamos, as cidades da terra. Renova os laços de respeito mútuo, que formam a nossa vida cívica. Envia-nos líderes honestos e capazes. Capacita-nos a erradicar a pobreza, preconceito e opressão para que prevaleça a paz com retidão e justiça com ordem e que homens e mulheres de diferentes culturas e com diferentes talentos possam encontrar-se uns com os outros para a realização de sua humanidade, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

PELA JUSTIÇA SOCIAL (LOC p. 154)

A coleta nos mostra a relação entre a criação humana como a imagem de Deus e a luta contra o mal, e não conformação com a opressão, o exercício da liberdade e a manutenção da justiça.

PELOS QUE TRABALHAM (P.155)

Nessa Coleta o trabalho humano é visto na perspectiva da glória e obra de Deus no céu e na terra como expressão da verdade, beleza e justiça, livre do culto ao dinheiro, para o benefício de outros.

PARA O DIA DO TRABALHO (P. 155)

Na perspectiva da vida como interdependência estabelecida por Deus é um pedido para que o trabalho seja para o bem comum e a luta, por assim dizer, pela justa remuneração não se esqueça da justa aspiração de outros e o desemprego de outros.

PELOS DESEMPREGADOS.

Numa outra coleta que juntamente com a das cidades acima está aguardando a sua publicação em separata ou numa outra edição do LOC há petição no sentido de que a riqueza pública e privada seja empregada para a criação de emprego adequado, satisfatório do ponto de vista da realização humana e justa remuneração..

PELAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES

Uma outra área da atividade humana em convivência é a organização do saber humano. Por isso,

Ó eterno Deus, abençoa toda as escolas e universidade e, especialmente, — para que sejam centro vivo do saber sadio, nova descoberta e busca da sabedoria...

Essa nova descoberta salientada por aqueles que chamados de liberais ou Igreja ampla(Broad Church)tem sido uma vertente fértil e renovadora do anglicanismo tanto para o anglo-catolicismo quanto para o anglo-evangelicalismo.

Como oração da Igreja, petição é no sentido de que “tanto os que ensinam quanto os que aprendem te encontrem como a fonte de toda a verdade.”

Além dessas atividades humanas o comércio e indústria são lembrados (p.153).

Também estão aguardando a inclusão na nova edição do LOC ou em separata as coletas pelos três poderes governamentais. Mesmo que vivemos num sistema presidencialista, pela Constituição há três poderes separados e interdependentes e três áreas como Federal, Estadual e Municipal. É relevante que, em nossas intercessões, se tome consciência política e da cidadania. Ao contrário, orando sempre só pelo executivo nas três áreas, estaremos criando condição propícia para que se dê ouvido ao canto da sereia de um líder forte que resolva tudo de cima para baixo.

Uma outra atividade que representa um poder é a formação de opinião pública. E uma outra coleta que aguarda sua inclusão diz:

Onipotente Deus, Tu proclamas a tua verdade em todas as gerações por muitas vozes. Dirige, em nosso tempo, nós te rogamos, aqueles que falam onde muitos ouvem e escrevem o que muitos lêem, para que tenham parte na formação do coração deste povo na sabedoria, de suas mentes sadias, e de sua vontade na justiça...

O sentido humano não se esgota em atividades. Os “ativistas” tendem, assim parecem, a se concentrar no hoje, quem sabe, sem tomar a consciência de que o ativismo é impulsionado pela preocupação com o futuro, com a eternidade. Por outro lado, o Hoje de Deus intersecta o hoje humano tão velozmente fugaz. Por isso, na Igreja, principalmente, entre quem está na liderança, muitas vezes o descanso é uma coisa desconhecida. De qualquer forma, o importante é participar do descanso de Deus, a plenitude da satisfação. Se, por acaso, o ativismo na Igreja for reflexo da idéia de que o louvor a Deus depende de nós, então, é bom nos lembrarmos do que dizemos constantemente em nossa liturgia, “portanto com anjos e arcanjos” ..., “que não cessam de proclamar tua glória”..., isto é, que o louvor a Deus não depende de nós, e que nos é dada a oportunidade pela Sua bondade de participar no louvor a Deus que nos precede.

O LOC vê o ser humano na perspectiva da eternidade. Isso é indicado pela Comunhão dos Santos, pelo memorial (Lembramos diante de Ti, N...) Lembrar alguém falecido ou vivo é colocar a pessoa sob a perspectiva do que Deus fez em Cristo e na sua comunhão eterna (ver as expressões, “antes da fundação do mundo” como em Jo 17.24; Ef 1.4; 1Pe 1.20) no sentido de que Deus seja favorável para com ela ou ele. Por exemplo, “recebe-o nos braços da tua misericórdia e lembra-te *dele* segundo o favor que mostras com o teu povo”, (Ofício de Sepultamento, p.202). No que se refere ao que é denominado de “estado intermediário”, há metáforas, que sugerem o descanso, isto é, a restauração, satisfação completas em Deus (por exemplo, na p. 208, e na p. 204 ... no bendito descanso da paz eterna e na gloriosa comunhão dos santos na luz...) e outras que sugerem o crescimento em serviço (por exemplo, na p. 209, “Lembra-te de”... “e concede que, progredindo no conhecimento e no amor a ti, prossiga de força em força, na vida de perfeito serviço em teu reino celestial”...) Ainda há aquela oração junto à sepultura que ressalta a esperança da futura ressurreição (p.206)

Diga-se de passagem que, há diferenças e certas tensões no que diz respeito a este assunto. Uma coisa é certa que não se trata de julgar o destino último das pessoas, mas de proclamar o Evangelho da Ressurreição, da Vida Eterna e juntar esse Evangelho e o nosso amor pelos que foram numa forma de oração, do memorial (lembra-te) diante de Deus.

Estes poucos exemplos de Coletas são indicações de que o LOC tem uma visão da humanidade e de seu papel ativo e criativo, no contexto da ação do Deus

Triuno como imagem da “humanidade de Deus”, imagem de Deus dotada de memória, razão e sabedoria. Como indicações as coletas nos convidam a tornar mais criativas as nossas orações, isto é, trazer para a liturgia tudo que é humano e o humano é o que acontece em torno de nós e vivemos. “Uma autêntica adoração litúrgica,” diz Louis Weil, “atrai tudo que é humano para o seu quadro de referência”. Que é esse quadro de referência? Em poucas, o Evangelho, o Mistério Pascal “apresentado à experiência dos fiéis em cada geração” sendo essa experiência o todo da pessoa humana”,²¹ relacionamento, afeição, razão e vontade.

O local na Liturgia onde se pode exercitar essa criatividade é a Oração do Povo (Intercessões). Os itens indicados nas páginas 60 e 73 são lembretes de que as intercessões devem ser abrangentes e não sectárias. E, ao mesmo tempo, são convites para exercitar a criatividade antes referidas. É claro que isso requer um preparo por parte da comunidade litúrgica. É bom se lembrar de que, nas intercessões (Oração do Povo), convergem a função do Diaconato (ver o Ordinal) de interpretar para a Igreja “as necessidades, as preocupações e aspirações do mundo” e a criatividade nas intercessões. Nisto as coletas nos podem ajudar como sugestão e a criatividade não exige tanto conhecimento quanto na área das orações eucarísticas. Essa criatividade pode ser exercida nos limites paroquiais. Ao passo que, no caso das orações eucarísticas, é uma boa política seguir orientação do Bispo Diocesano, da Câmara dos Bispos e da Comissão de Liturgia, porque as questões delicadas de teologia e doutrina, que têm sua história no anglicanismo, se fazem mais sensíveis nas orações eucarísticas.

É verdade como diz Weil que a Liturgia não é uma “roupagem” para comunicar doutrinas. Ao contrário, ela celebra a fé e alimenta a fé. Nisto há mutualidade entre a fé que os anglicanos professam e a liturgia que eles celebram. Assim é convicção anglicana de que as Igrejas da Comunhão oram e celebram o que elas crêem.

✠ Sumio Takatsu
Janeiro de 1999

²¹ The Gospel in Anglicanism, IN: SYKES, S. & BOOTY, J.(ED.) The Study of Anglicanism, p.55.

ESPIRITUALIDADE DO LIVRO DE ORAÇÃO COMUM

D. Orlando Santos de Oliveira

I - INTRODUÇÃO

1. A Espiritualidade

Espiritualidade é um tema vasto. Abrange áreas bíblicas e históricas, grandes movimentos e testemunhos individuais, aspectos culturais, científicos, corporais e pessoais.

Espiritualidade no sentido cristão não deve indicar que nós oramos somente com o espírito ou nossas almas. É na sua totalidade que as pessoas oram e vivem a sua vida cristã.

A Espiritualidade não é uma atividade esotérica, porque oramos como criaturas integrais. Vivemos a nossa fé com ligações pessoais, sociais, políticas, econômicas e culturais.

A espiritualidade é uma maneira como se vive a nossa relação com Deus. Somos um todo e vivemos a nossa fé, nossa relação com Deus, nossa espiritualidade, na totalidade. “Corpo sem alma é cadáver, alma sem corpo é fantasma”. Vivemos um mundo que fala muito de espiritualidade, de que precisamos mais “espiritualidade na Igreja”, de “cristãos espirituais”.

A origem e força orientadora da espiritualidade é a ação do Espírito Santo. A espiritualidade é vivida e buscada em comunidade. A comunidade de fé, especialmente na celebração da Eucaristia, se converte na comunidade do discernimento de nossa busca espiritual. A espiritualidade é a busca de toda uma vida, que a dinâmica da ação e da reflexão em que estamos imersos vai modelando.

Então, a vida espiritual não é um compartimento da vida que pode ser separado dos outros compartimentos, como a vida física (saúde), a vida social (lazer, lúdica, diversão), a vida econômica (padrão de vida), a vida apostólica, a vida política ou a profissional.

A vida espiritual é a totalidade de uma vida, na medida em que é motivada e determinada pelo Espírito Santo, o Espírito de Jesus. Quanto mais formos motivados pelo Espírito em tudo o que fizermos, tanto mais poderemos dizer que temos uma vida espiritual.

Muitos de nós fomos ensinados a considerar espiritualidade, ou vida espiritual como a parte da vida em que realizamos exercícios espirituais, atividade “espirituais”,

como orações, leituras edificantes, meditação, retiros, dias de recolhimento, frequência aos sacramentos, leitura bíblica, etc. O resto de nossas vidas, os outros compartimentos, eram considerados vida material. Percebemos que uma deve influenciar a outra, mas ainda pensamos que são dois compartimentos ou áreas distintas.

A espiritualidade não divide a pessoa humana em uma parte espiritual e outra material, pelo menos no modo em que costumamos fazer. Na Bíblia, a pessoa humana é considerada como um todo e não como uma alma que habita um corpo. A divisão entre corpo e alma, que torna a pessoa humana uma alma aprisionada em um corpo, não tem sua origem na fé cristã, mas na filosofia grega.

As vezes ficamos perturbados com as expressões bíblicas de “viver de acordo com a carne” e “vida conforme o Espírito”. Vida segundo a carne, expressão paulina, não se trata de desejo sexual ou de natureza inferior ou natureza humana. Ele está falando sobre pecado e mundanismo em geral. De um modo de vida que não é inspirado e motivado por Deus. Isto está claro quando Paulo faz uma relação das obras da carne: não inclui somente os pecados do sexo, mas de idolatria, ciúme, inveja, mau humor. Nos evangelhos temos descrições sobre os “espíritos maus”, “espíritos imundos”, “espírito de fraqueza”. Vida segundo a carne é uma vida motivada por espíritos maus, por valores mundanos. Enquanto que a vida segundo o espírito é uma vida motivada pelo espírito do bem, o Espírito de Deus.

Biblicamente, ter uma vida espiritual ou uma vida segundo o Espírito, não é uma questão de estar sendo motivado por um espírito qualquer, desde que seja espírito e não matéria. A vida espiritual é uma questão de estar sendo movido pelo Espírito de Deus, e não por qualquer outro espírito. O oposto da carne não é o espírito em geral, mas o Espírito Santo. A palavra espírito em sua vida espiritual significa o Espírito de Deus como oposição a qualquer outro espírito. Assim, o oposto de vida espiritual não é vida material, mas uma vida mundana ou sem fé.

O problema não está, então, em preferir a minha alma a meu corpo, mas em saber como discernir o Espírito de Deus no mundo e em mim, em ver a diferença entre o Espírito Santo e todos os outros espíritos profanos que motivam as pessoas.

Espiritualidade é então o esforço constante e diário para assegurar que o espírito que nos mova seja o Espírito de Deus e não qualquer um outro espírito.

2. O Livro de Oração Comum (LOC)

O Revdo Dr Jaci Maraschin, em seu livro “A Beleza da Santidade” (São Paulo, ASTE, 1996) afirma “O anglicanismo não se constitui a partir de determinado sistema doutrinário ou teológico, mas fundamentalmente, a partir de uma prática litúrgica”, p. 47.

O professor Dr. Leonel L. Mitchell, do Seminário Seabury-Western, nos Estados Unidos em seu livro "Praying Shapes Believing - a theological Commentary on the Book of Common Prayer" (Wiltion, Morehouse Publishing, 1985) escreveu "... provavelmente mais do que qualquer outro grupo religioso contemporâneo os anglicanos são o povo do livro de oração. Não somente usamos o LOC para a direção dos cultos públicos; mas ele também é guia para as orações particulares e fonte da maior parte de nossa teologia e de nossa espiritualidade" (p. 1).

Por isso falamos que a Lei da Oração é a Lei da Fé (Lex Orandi, Lex Credendi). Ou seja, oramos aquilo que cremos. O LOC não é um mero manual de culto, mas expressa a nossa fé, a nossa teologia, a nossa espiritualidade. Ele acompanha a nossa vida. O que se ora é o que se crê. Por isso o LOC é tão importante para nós anglicanos. A nossa liturgia está expressa nele. Esta foi desde o início a nossa opção. Temos um padrão litúrgico a partir de um texto, de um livro. A reforma anglicana foi em essência uma reforma litúrgica e o seu produto foi em 1549 o surgimento do 1º LOC. Ele significou uma revolução que se opunha a prática da Igreja no mundo medieval, colocou a liturgia na mão do povo. Manteve a tradição viva da Igreja sobre o culto, mas abriu-se ao futuro num processo de revisão permanente. Devolveu a liturgia ao povo em sua língua, terminou o monopólio clerical do culto. A liturgia se contextualizou. Ela era para um povo com rosto, história, cultura e geografia que foram levados a sério. Resgatou a Bíblia como parte principal do culto.

O LOC. é esta herança que possuímos e tem sido a espinha dorsal da espiritualidade anglicana, conforme ele mesmo afirma em seu prefácio, "...alterado, revisado consoante as várias exigências dos tempos e das conjunturas" (LOC, 1950, p. V).

Ele marca o perfil teológico do anglicanismo, pois expressa a fé Católica e Apostólica, tal como anglicanismo a professa.

A unidade espiritual das Igrejas da Comunhão Anglicana baseai-se na aceitação comum do LOC, não importa a revisão e o lugar aonde tenha sido feita, pois, por sua livre e soberana vontade os anglicanos têm optado por ter "uma" liturgia", e não uma pluralidade de liturgias, que se ora e que se crê.

Quando se fala numa espiritualidade do LOC (igual a espiritualidade anglicana), estamos falando, da maneira como se vive a nossa relação com Deus, de um jeito, de uma forma anglicana. Com todas as suas peculiaridades.

II - A ESPIRITUALIDADE DO LOC

A seguir gostaríamos de comentar rapidamente algumas das características do espiritualidade do LOC que em nosso entendimento tem marcado a vivência de nossa vida como cristãos anglicanos.

Litúrgica

A espiritualidade do LOC é essencialmente litúrgica. Brota de nossa relação com Deus, por meio da ação litúrgica regular. A liturgia não é simplesmente um conjunto de ações, gestos e palavras edificantes que nos ajudam a orar e sentir-se bem em nossa relação com Deus; também não é simplesmente uma atividade cênica cuja finalidade seja provocar o bem estar emocional. Tampouco é um conjunto de gestos e palavras mágicas que têm poder de alterar ou interferir na natureza ou na própria história humana.

A liturgia é na verdade o que é a Igreja, já dizia Von Allmenn, em seu livro "O Culto Cristão". Ela é a "epifania da Igreja". É nela que a Igreja se revela tal qual é. A reunião do Povo de Deus para celebrar os atos libertadores de Deus na história dos seres humanos e para anunciar ao mundo essa mesma libertação. Uma reunião frequente, regular que alimenta a vida e se volta para as realizações plenas das promessas de Deus ao seu povo. Uma espiritualidade litúrgica é mais do que possuir um livro. Mas uma visão do culto que é essencialmente dialógica e onde cada pessoa têm um lugar e um papel.

Nos reunimos para orar não para o nosso próprio sustento somente, mas em favor dos que nunca oram ou sequer pisam os átrios de uma Igreja.

Esta espiritualidade litúrgica, que é intercessora em favor dos outros, está profundamente enraizada em nossa Tradição e tem a sua melhor expressão em nossa interpretação da Eucaristia, na qual participamos na oferta que Cristo fez de si mesmo em favor do mundo. Esta visão de liturgia não depende de celebridades ou de pregadores eloqüentes e dinâmicos, mas é obra e ação de todo o povo, e onde tanto o clero como laicato tem o seu papel específico e realizam o seu ministério.

2. Bíblica

A espiritualidade do LOC dá um lugar central para a Bíblia. O LOC é 90% Bíblia ou arranjo de frases bíblicas. John Wesley escreveu "Eu acredito que não há nenhuma liturgia no mundo, seja em linguagem antiga ou moderna, que respire uma sólida e racional piedade bíblica do que o Livro de Oração da Igreja da Inglaterra" (A History of The Methodist Churches in Great Britain, Vol. I, Epworth Press, Londres, 1965, p. 26).

A Escritura está no centro da adoração anglicana e consequentemente é base do LOC. E isto é verdade não somente da maneira como está prevista a leitura pública na Eucaristia usando-se o Lecionário tríplice e o as leituras do Ofício Diário. Mas também todos os textos litúrgicos estão permeados de citações e alusões bíblicas.

Ao recitarmos a cada domingo: "Palavra do Senhor - Demos graças a Deus", reconhecemos as Escrituras como um dom divino à Igreja e que Deus fala por meio

de sua leitura. O LOC leva a Bíblia a sério. As Escrituras são trazidas ao convívio diário do povo de Deus e torna-se impossível celebrar os mistérios divinos sem a presença deste outro livro ou de seu conteúdo, muito mais importante e fundamental do que o próprio LOC.

Por meio da organização do lecionário - obrigando o clero e o povo ao contato com a Bíblia de forma ordenada e inteligente - a distribuição do saltério ao longo do ano, como forma de louvor e oração, torna a Bíblia a fonte principal de uma espiritualidade.

Na leitura pública das Santas Escrituras proposta pelo LOC, e consequentemente a espiritualidade que daí brota, o papel da congregação não é passivo, ele é desafiada e ajudada a discernir a Palavra de Deus para a sua vida concreta e da comunidade.

A ação e a reflexão não colocam um conflito, mas constituem o ritmo de nossa vida. Temos de imergir na Palavra de Deus, proclamada, escutada e interpretada no contexto litúrgico e com o uso da razão, em meio as nossas realidades históricas, mas ao mesmo tempo imersos também no mundo.

Meditamos e interpretamos as Escrituras para discernirmos o ponto de vista de Cristo, e trazemos para o meio de nossa oração os acontecimento de nossa vida e da vida do mundo.

A espiritualidade bíblica que LOC propõe, é que, tanto em nossa vida comunitária que se reúne na reunião litúrgica, como em nossa devoção pessoal, deve haver uma interação entre contemplação e a compaixão. Só assim podemos aprofundar e transformar as relações existentes entre a nossa situação vivida e a ação de Deus conforme descritas na sua Palavra.

LOC em diversas partes nos fala de que necessitamos de momentos de silêncio e de comunhão com Deus. E temos de reconhecer o Espírito em meio de nossas atividades. Temos a tentação de separar estes dois movimentos, e isto nos conduz a uma falsa espiritualidade. A espiritualidade bíblica que o nosso LOC propõe é a espiritualidade da missão baseada na oração e na reflexão.

3. Eucarística

Um dos pontos mais evidentes da renovação litúrgica do século 20 é a compreensão da complementaridade entre Palavra e Sacramento.

Isto não é novo, esta percepção e prática nos foram legadas pelo Cristianismo primitivo. É evidente nos escritos do NT a centralidade da Eucaristia. Tudo indica que bem antes dos evangelhos e da 1ª Carta aos Coríntios já circulavam documentos dando informações a respeito da maneira como os cristãos celebravam o que Deus lhes manifestara em Jesus e seu sacrifício. Podemos ler isso em Santo Inácio de

Antioquia (1º e 2º séculos), e no Didaque (150 AD). A Apologia de Justino Mártir descreve a adoração cristã dominical na Igreja em Roma no ano de 150 AD que constava de leituras do At e NT, sermão, orações em comun, ação de graças eucarística sobre o pão e o vinho.

Na Reforma, o Arcebispo Thomas Cranmer, bem assim como Martinho Lutero, João Calvino, Martim Bucer, entre outros falam de uma Santa Comunhão semanal e o padrão de Cranmer para a celebração dominical era – Oração Matutina, Litanias e Santa Eucaristia (com sermão).

A restauração na Comunhão Anglicana da Eucaristia como ato central da adoração da Igreja está em conformidade com a ênfase bíblica, católica e reformada. Por isso o LOC diz: “A Santa Eucaristia, ato central da adoração no Dia do Senhor e noutras Festas maiores” (Livro de Oração Comum, p. 11)

A adoração eucarística oferece uma espiritualidade que está sempre centrada na presença de Jesus com o seu povo. O foco da adoração cristã é a comunhão com Cristo, ressurrecto dentre os mortos, e generosamente nos oferecendo a sua graça, perdão, fortalecimento e paz - os benefícios de sua paixão.

Em segundo lugar, a espiritualidade eucarística nos mostra que a Santa Eucaristia continuamente mantém diante de Deus os atos centrais da nossa redenção, - a morte e ressurreição de Jesus. Assim a nossa resposta é gratidão – (Eucaristia). A comunhão é capaz de trazer o povo para Cristo porque é a demonstração poderosa do amor de Cristo.

Terceiro, a Eucaristia é o local da Ação de Graças. A Ação de graças é central na espiritualidade paulina. A Eucaristia hoje, coloca a ação de graças no centro. Ação de graças a Deus por seu amor na criação, redenção e santificação.. Na Eucaristia, as intercessões nos convidam a trazer as nossas ações de graças e as nossas súplicas.

Quarto é o nosso relacionamento com os outros.. A Eucaristia é uma demonstração muito forte da graça mesma de Deus concedida igualmente em para cada um. Os textos Eucarísticos atuais do LOC foram elaborados numa clara compreensão da Igreja como Corpo de Cristo, partilhando a mesma fé e realizando juntos a grande ação de graças. A cada Domingo dizemos: “Nós cremos; Demos graças a Deus; Nós proclamamos; Nós celebramos. A Saudação da Paz nos traz a todos o imperativo evangélico pela reconciliação e unidade, da qual o sacramento é o sinal e promessa.

Quinto, na Eucaristia a missão está expressa nas orações de pós comunhão no LOC: “Envia-nos no poder do Espírito Santo”; “Envia-nos agora ao mundo em paz” (Livro de Oração Comum, pp. 79,91)

Sempre lembrando de que a nossa adoração corre o risco da auto-indulgência e uma tendência das congregações em voltar-se para si mesma. Ainda que a

espiritualidade Eucarística do LOC, tenha um aspecto individual importante, na oração “Este é o meu sangue derramado por vós e por muitos” temos a lembrança de que a Palavra e o Sacramento devem fortalecer os cristãos e cristãs para seu testemunho e serviço no mundo. Não buscamos a Eucaristia para nossa satisfação pessoal, mas para o serviço. O LOC revela uma espiritualidade eucarística comprometida com uma prática.

4. Comunitária (Construção do Corpo de Cristo).

A reforma litúrgica do Século XVI, na Inglaterra, e o surgimento do LOC, foi acima de tudo a vontade de que o culto, a adoração fosse acessível, compreensível e capaz de nutrir, lembrar (memória) e fortalecer os cristãos na comunhão, discipulado, missão e espiritualidade. E a espiritualidade que transparece no LOC é fortalecedora e construtora do Corpo de Cristo (A Igreja). E isto é reforçado pelos textos atuais em que o povo desempenha um papel de sujeito na ação litúrgica. A espiritualidade a gente vive em comunidade. A vida humana é essencialmente comunitária. Nossas relações comunitárias nos servem como uma disciplina, correção mútua e ajuda para descobrir a vontade de Deus e vivê-la. A teologia da espiritualidade contida no LOC hoje, tem um forte e decisivo acento para a reconstrução do Corpo de Cristo, como parte essencial da vida da Igreja. Mas, ao mesmo tempo, o LOC não nega a necessidade da contemplação, do silêncio, do estar só. Não como um sinônimo de evasão, de fuga do mundo. Mas uma contemplação histórica ou de compromisso. Para todos nós anglicanos a recuperação de nossa tradição nos leva também a um recuperar as nossas raízes espirituais - raízes que centram-se na liturgia eucarística comunitária - mas que se aprofundam e expandem na solidão. A espiritualidade do LOC está enraizada numa tradição de liturgia, solidão e compaixão.

5. Encarnada (Contextualização e Inculturação)

A nossa espiritualidade se expressa na atividade humana e na caminhada de vida. Está ao alcance de todos, pois qualquer pessoa, feita à imagem e semelhança de Deus é espiritual, ou seja capaz de encontrar o Espírito de Deus.

A espiritualidade encarnada leva consigo uma sensibilidade a respeito da língua, cultura, história, contexto, simbologia e tradições do próprio povo. Exige em consequência, que participemos plenamente na vida e nas lutas do povo. E que conheçamos seus desejos, projetos e nos identifiquemos com a sua busca. Somos muito racionais e cerebrais muitas vezes.

O LOC tem se mostrado, com suas diversas revisões, estimulador de uma espiritualidade ligada às experiências vitais do nosso povo. Certos ritos e cerimônias tem demonstrado maior necessidade de acolhida, linguagem mais simples, que dá espaço as histórias e preocupações das pessoas.

Os ritos eucarísticos tem sido bem mais claros na ligação do pão da eucaristia com o pão de cada dia, entre o rosto dos pobres e o rosto de Cristo. Por isso hoje se fala em contextualização e inculturação. Isto tem permitido criação de usos litúrgicos locais como expressão de vida das comunidades.

III - CONCLUSÃO

A espiritualidade anglicana é uma espiritualidade litúrgica, mas ao mesmo tempo os anglicanos possuem uma variedade de formas de apropriar a fé comunitária em bases pessoais. A assembléia cristã como Corpo de Cristo é em si celebrante da ação eucarística. A assembléia eucarística valoriza e utiliza todos os dons de todo o Povo de Deus e envolve o corpo humano com todos seus sentidos. A palavra lida ou cantada deve ser relevante e acessível aos participantes. A assembléia partilha e recebe hospitalidade. A espiritualidade autêntica do LOC (litúrgica) deve estar mergulhada profundamente na cultura do povo. O ato central da adoração dominical é a Santa Eucaristia, a memória semanal de sua ressurreição. Quando a comunidade se reúne para a vinda do domínio da paz, da justiça e do amor de Deus.

Uma espiritualidade cristã saudável portanto, brota do compromisso da congregação com a adoração e com a missão de Deus no mundo que envolve a cura de toda a humanidade, enfim de toda a criação.

IV - BIBLIOGRAFIA

- Mitchell, Leonel L. *Praying Shapes Believing (A Theological Commentary on the Book of Common Prayer)*, Harrisburg, Morehouse Publishing, 1985.
- Maraschin, Jaci. *A Beleza da Santidade (Ensaio de Liturgia)*, São Paulo, ASTE, 1996.
- Cuming, G.J. *A History of Anglican Liturgy*, Londres, Mcmillan Press, 1969.
- Nocent, Adrien. *A Rereading of the Renewed Liturgy*, Collegeville, The Liturgical Press, 1994.
- Tarplee, Cornelius (Ed.). *A Prayer Book Manual*, New York, Morehouse, 1958.
- Shepherd Jr., Massey. (Ed.). *The Liturgical Renewal of The Church*, Oxford University Press, New York, 1969.
- Allmen, JJ. Von. *O Culto Cristão (teologia e prática)*, São paulo, ASTE, 1968.
- Konings, Johan. *Espiritualidade no Compromisso*, São Paulo, Edições Paulinas, 1988.
- Jones, Alan. *Sacrifício e Alegria (Espiritualidade para o ministro religioso)*, São Paulo, Paulus, 1995.
- Galilea, Segundo. *O Caminho da Espiritualidade*, São Paulo, Edições paulinas, 1985.
- Hamman, Adalbert. *Manual da Oração Cristã*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.
- Maraschin, Jaci. (Ed.), *O que é formação espiritual?*, São Paulo, ASTE, 1990.
- Ridley, Jasper. *Thomas Cranmer*, Oxford, Clarendon Press, 1962.
- Clarke, W.K. Lowther. (Ed.), *Liturgy and Worship (A companion to The Prayer Books of the Anglican Communion)*, London, SPCK, 1964.